



CATÁLOGO

MAPEANDO DIÁLOGOS SOBRE VIOLÊNCIA E ABORDAGENS TRANSFORMADORAS A PARTIR DO SUL GLOBAL

O PAPEL POLÍTICO DA ARTE, CULTURA E COMUNICAÇÃO

RELATOS & ENCONTROS



Print



Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

CATÁLOGO

**MAPEANDO
DIÁLOGOS SOBRE VIOLÊNCIA
E ABORDAGENS TRANSFORMADORAS
A PARTIR DO SUL GLOBAL**

O PAPEL POLÍTICO DA ARTE, CULTURA E COMUNICAÇÃO

RELATOS & ENCONTROS

PRODUÇÃO DE CATÁLOGO	Andréa Gill Marta Fernandez Victória Santos
ORGANIZAÇÃO	Andréa Gill Ana Velasco Flávia Guerra Gabriela Nogueira Lúcia Quijano Maíra Siman Marta Fernández Paula Drumond Tatiana Amaral Victoria Motta Victória Santos
APOIO	Clara Costa Claudia Darze
RELATORIA	Beatriz Martins Bruna Reis Camila do Nascimento Gabriel Estill Katherine Sacramento Letícia Fernandes Vitoria Maciel
DESIGN E DIAGRAMAÇÃO	Flávia Trizotto Vinicius Kede
REALIZAÇÃO	



APOIO



PARTICIPANTES	Andréa Gill Andreza Jorge Ayesca Mayara Souza Azadeh Sobout Carolina Pinzón Deyanira Clériga Morales Erica Resende Flávia Belmont de Oliveira Flávia Guerra Gabriel Dattatreyan Gabriel Fernandes Caetano Giorgio Garcia Cristofani Gleyce Heitor Haydée Glória Cruz Caruso Iasmini Catanio dos Santos Nardi Jean Carlos Azuos Kency Cornejo Lúcia Quijano Marcelle Decothé Marta Fernández Natalia Conceição Viana Nelson Madonado-Torres Nitasha Dhillon Paula Drumond Paulo Chamon Pedro Paulo da Silva Phoebe Kisubi Raquel Melo Robbie Shilliam Simonne Alves Vitória de Faria Ribeiro
---------------	---

Agradecemos a todas as pessoas que participaram e dedicaram o seu tempo e conhecimentos para tornar possível esses encontros.

BPC Paper, v.10 n.1 - Abril/2023

Rio de Janeiro. PUC. BRICS Policy Center

GILL, Andréa et al (org)

Mapeando Diálogos Sobre Violência e Abordagens

Transformadoras A Partir do Sul Global: O Papel Político da Arte, Cultura e Comunicação [catálogo].

ISSN: 2357-7681

P: 80p; 29,7cm

1. Violência; **2.** Transformação de conflito; **3.** Metodologias artísticas; **4.** Interseccionalidade; **5.** Decolonialidade

Diálogos sobre violência e abordagens transformadoras a partir do sul global: o papel político da arte, cultura e comunicação	8
Notas introdutórias	10
Notas metodológicas e práticas de organização	14
Relatos e encontros:	18
Diálogo I - Estéticas decoloniais combativas em ação: reflexões a partir do movimento Strike MoMA	19
Diálogo II - Sobre violência e abordagens transformadoras a partir do sul global: como pensar as respostas im/possíveis?	25
Diálogo III - Sobre memória, justiça e reparação: o que está em jogo nas disputas artísticas-culturais no campo?	31
Diálogo IV - Sobre imaginários e projetos coletivos em defesa da vida: como reconstruir os termos da disputa?	37

Diálogo V - Modos de dançar: a construção do espetáculo Na Manha e a potencialidade da arte periférica	43
Oficina de pesquisa	48
Mapeando práticas transformadoras: conclusões e próximos passos	76
Sobre nós	
- O Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio (IRI/PUC-Rio)	
- A Unidade do Sul Global para Mediação (GSUM)	
- Nossas parcerias	
Mapeando redes: minibios de participantes	76

SUMÁRIO

**DIÁLOGOS SOBRE VIOLÊNCIA E ABORDAGENS
TRANSFORMADORAS A PARTIR DO SUL GLOBAL:
O PAPEL POLÍTICO DA ARTE, CULTURA
E COMUNICAÇÃO**

RESUMO DE ENCONTRO

De 30 de maio a 03 de junho de 2022, foram realizados os “Diálogos sobre violência e abordagens transformadoras a partir do sul global: o papel político da arte, cultura e comunicação”: uma série de encontros, organizados de modo híbrido, interinstitucional e internacional. A organização desses encontros se insere no crescente movimento de alargar o escopo do campo prático e de conhecimento sobre violência e processos de transformação de conflitos, a partir do sul global e por meio de metodologias sensíveis a realidades locais e atores e agências por muito tempo excluídas, excluídos e excluídes do debate.

À luz das discussões já consolidadas internacionalmente, as perspectivas e os projetos articulados através dos encontros buscaram abrir espaços de diálogo que respondessem às especificidades históricas e geopolíticas que definem padrões de desigualdade e (in)segurança que comprometem a consolidação do Estado democrático de direito, e que promovessem mecanismos de participação cívica, em territórios marcados por violência estrutural, estatal e paraestatal.

Alinhado às atividades de pesquisa, de ensino e de incidência pública desenvolvidas, desde 2013, pela Unidade do Sul Global para Mediação (GSUM), do Instituto de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (IRI/PUC-Rio), e por universidades e organizações da sociedade civil parceiras, os projetos que alimentam e foram alimentados pelos encontros visam mapear e discutir novas frentes de análise e de atuação voltadas para o desenvolvimento de metodologias territoriais, culturais e artísticas que permitem acessar e redimensionar os problemas da violência na contemporaneidade.

Os encontros, gravados e disponibilizados online no canal do IRI acessível [aqui](#), reuniram pessoas pesquisadoras e artistas do Brasil e de outros países, majoritariamente do Sul Global, e promoveram discussões sobre o papel de práticas artístico-culturais na transformação da violência e na construção de imaginários e percursos alternativos. Transversal aos cinco diálogos que estruturaram as atividades da se-

mana é um interesse no papel político da arte, cultura e comunicação, assim como metodologias racializadas, generificadas, territoriais e interseccionais. Convidamos pessoas artistas, curadoras, pesquisadoras, professoras, estudantes e organizações da sociedade civil para se juntar às mesas redondas pelas manhãs e, pela tarde, reunimos pessoas estudantes da pós-graduação vinculadas às redes do GSUM para pautar e partilhar agendas de pesquisa que buscam renovar a aposta nas viradas locais, territoriais e culturais no campo.

Fica registrado aqui o nosso sincero convite para partilhar no diálogo.



Imagem de divulgação do seminário

NOTAS INTRODUTÓRIAS

A organização e realização destes Diálogos foram parte de um esforço inicial de mapeamento de redes, perspectivas e projetos que buscam metodologias transformadoras da violência, somando-se um conjunto de iniciativas de pessoas pesquisadoras e instituições aqui integradas no âmbito da Unidade do Sul Global para Mediação (GSUM), do Instituto de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (IRI/PUC-Rio), e de universidades e organizações parceiras, especialmente nos eixos urbanos e de direitos humanos. Além disso, a organização destes diálogos se conecta a uma crescente demanda pela sistematização de abordagens artístico-culturais transversais.

Na confluência do urbano, territorial e artístico-cultural, tem emergido uma discussão que se dá internacionalmente para pensar essas questões de forma localizada em contextos diferenciados de conflitos armados, entendendo as cidades como pontos de acesso multiescalar às realidades locais e cotidianas. Esse projeto coletivo em andamento pretende contribuir para esta discussão por meio de propostas de cartografar os territórios da violência e metodologias assim situadas. Atenta ao registro histórico e sociológico específico da realidade brasileira, busca-se localizar e visibilizar práticas capazes de reorientar o debate e incidir sobre políticas públicas no contexto de um estado, como o Rio de Janeiro, de declarada e permanente crise de segurança pública.

O projeto visa contribuir para a integração teórica-metodológica entre o campo de estudos de Resolução e Transformação de Conflitos e metodologias com base nas artes, pouco desenvolvida num enquadramento focado em práticas de intervenção internacional em países do Sul Global, a partir de atores do Norte Global. Nesse sentido, o Sul Global tem se configurado mais como estudo de caso ou laboratório de experimentação, do que mobilizado em processos de produção de conhecimento e expertise na área. Esse projeto objetiva recentrar o campo e estender criticamente o seu arcabouço teórico-metodológico e prático a partir da América Latina, dando centralidade às periferias urbanas onde a maioria das disputas multiescalares e de violência armada tendem a se concentrar.

No contexto latino-americano observam-se esforços concertados de pautar processos de transformação de conflito em termos de reconstruções do sistema democrático de direito. Esse movimento



tem ressaltado a necessidade de transformar *sistemas de conflitividade*, olhando para episódios de violência e insegurança para além da lógica de regimes de exceção e excepcionalidade. Desde o crime organizado transnacional às pressões socioambientais e territoriais, o ponto de partida de sistemas de conflitividade permite uma investigação mais ampla no sentido do que vem sendo chamado de *diplomacia multivias* na área. Na contramão da ideia vigente da necessidade de um tipo de intervenção/mediação tida como neutra, essa virada crítica tem introduzido ideias de mediação interna e participação democrática e cívica como chave para um processo sistemático de transformação de conflito. Para além de trabalhar a partir da identificação dos dois lados envolvidos em um determinado conflito, são investigadas as condições de possibilidade que situam cada ator na conjuntura atual, a partir de formas desiguais de cidadania estruturada por marcadores sociais de subordinação como territoriais, raciais e de gênero, entre outros determinantes de acesso.

Esse movimento surge de contextos urbanos, como os do Rio de Janeiro, onde não há garantia de direitos e marcados por hiper violência, muitas vezes entendidos como experimentando uma micro guerra civil, sob ocupação militar e paramilitar. Indaga-se: como construir caminhos de participação efetiva e de autonomia coletiva para os sujeitos e comunidades situadas nestes contextos que criem as condições para que elas definam os termos da resolução dos conflitos que lhes afetam na contramão da usual terceirização ou mediação externa que desempodera e produz tais sujeitos e coletividades como vítimas? Nossa proposta é abordar os conflitos pela lente das desigualdades, entendendo que quaisquer esforços de transformação de conflitos que não lidem com as desigualdades vigentes se mostrarão insustentáveis a longo prazo. Assim, o movimento proposto de reelaborar os conceitos e práticas que dominam os campos de conhecimento e expertise aqui em questão encaminha-se para além de metodologias de mediação e facilitação conduzidas por atores externos e desconectados das dinâmicas históricas de exclusão/inclusão que conformam as realidades urbanas de periferias globais. Proponentes do que se

convencionou chamar de *Resolução de Conflitos Pós-colonial* e de *idades sustentáveis* têm aberto esse espaço para articular processos de reconstrução democrática por meio da reparação dos legados do passado colonial de base escravagista, e propor pontos de acesso e integração a partir das cidades e redes de organização da sociedade civil.

Essa virada metodológica pós-colonial e urbana se baseia na constatação de que processos participativos que começam onde estão as pessoas têm uma capacidade inigualável de geração de conhecimento indispensável para responder à atual crise nos modelos políticos representativos. Na busca por linguagens que comunicam em contextos de extremas desigualdades e violência normalizada, o campo das artes e cultura oferece a possibilidade de metodologias inovadoras tanto no sentido de pesquisar as causas-raízes, demandas e narrativas que circulam por populações situadas em contexto de violência armada, quanto na possibilidade de incidir sobre mecanismos de resolução e transformação de conflitos.

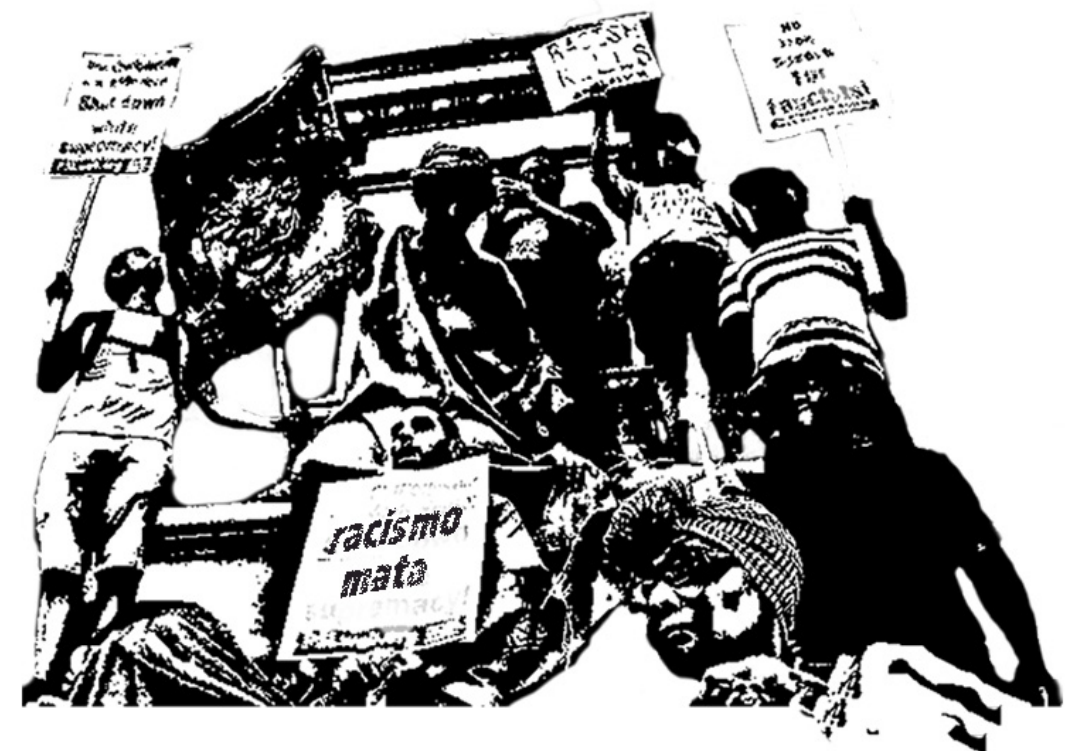
Nesse sentido, a chamada por abordagens localizadas e estruturais vem sendo acompanhada pelo reconhecimento de que a complexidade de dinâmicas conflitivas não tem como ser apreendida por abordagens exclusivamente situadas no plano racional-técnico. É necessário lidar com as condições de possibilidade e legitimação dessas dinâmicas, muitas vezes contraditórias e para além de racionalidades instrumentais postas. Considerando a proliferação de modos digitais, audiovisuais e simbólicos de comunicação social, metodologias com base nas artes oferecem a possibilidade de organizar pensamentos para além do verbal, ou meramente discursivo, e de reelaborar sentidos e narrativas de si e do outro implicadas em dinâmicas conflitivas.

Desta forma, as artes e a cultura podem se configurar como metodologias de acesso, gerando novos conceitos e diálogos, e criando as condições para imaginar possibilidades antes imperceptíveis. Assumindo como ponto de partida os modos de desumanização predominantes, metodologias com base nas artes, mais do que instrumentos, pavimentam caminhos para transformação, convocando atores em sua plena humanidade como participantes de um processo voltados para explorar e expressar problemas relevantes e reelaborar percursos a seguir, e através da criatividade romper ciclos de violência e reposicionar sujeitos e territórios implicados.

Historicamente, os campos das artes e cultura têm sido instrumentalizados de múltiplas formas, desde os mecanismos de propaganda

às convocações para a guerra e às práticas de legitimação e naturalização de violência e desigualdades. Têm sido centrais, mesmo que nem sempre perceptíveis. Portanto, opta-se por uma avaliação crítica de tais tradições, colocadas em xeque com o conceito de *paz cotidiana* desenvolvido no campo de estudos sobre paz (*peacebuilding / peacemaking*) que lança luz sobre modos cotidianos e híbridos que criam os espaços e condições de possibilidade para processos de transformação sustentável. Processos transformadores requerem adaptabilidade e responsividade, podendo ser facilitados por práticas de criação e recriação das artes, as quais afirmam agências e pavimentam vínculos afetivos e de pertencimento, para além de retrainar os nossos imaginários políticos e democráticos.

Nesses sentidos, esse projeto coletivo em construção pretende contribuir para essa abertura, ainda incipiente no campo, especialmente em contextos urbanos, e avançar debates internacionais e locais sobre como práticas artísticas e culturais reconcebem percursos criativos no enfrentamento das violências e desigualdades vigentes. Deste modo, pretende-se conferir visibilidade a toda uma riqueza de experiências marginalizadas em processos de diagnóstico e de transformação de conflitos.



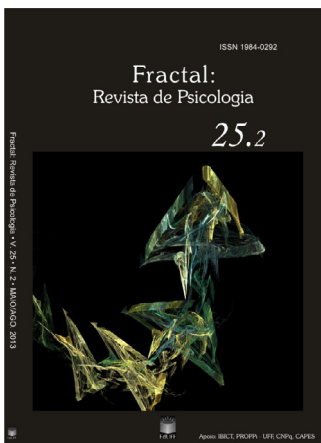
NOTAS METODOLÓGICAS E PRÁTICAS

DE ORGANIZAÇÃO



Manual de mapeo colectivo: Recursos cartográficos críticos para procesos territoriales de creación colaborativa.

[clique aqui](#)

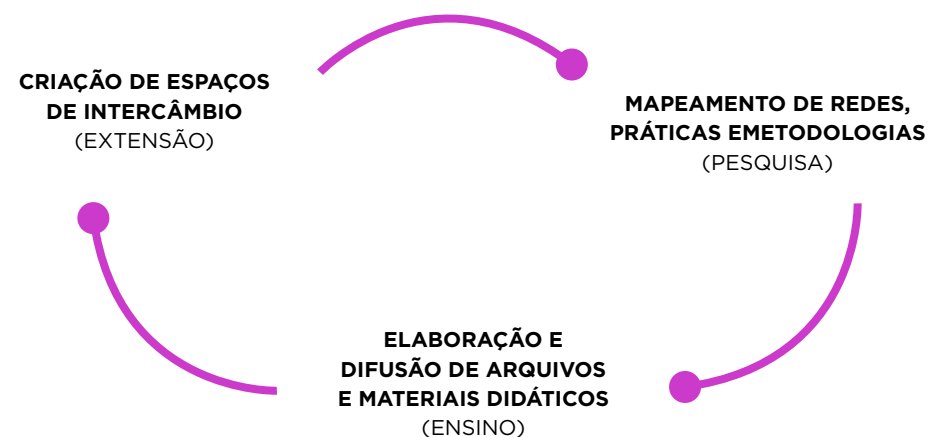


Dossiê Cartografia: Pistas do Método da Cartografia.

[clique aqui](#)

A realização destes Diálogos foi parte de um esforço de *mapeamento*, o qual se inspira nos movimentos de cartografia social e decolonial. Tais movimentos tomam como ponto de partida modos de habitar o território que acompanham e articulam atores e agências diversas e redesenharam os contornos do campo. Assim, são gerados contramapas e guias para reorientar os nossos caminhos.

A partir de processos que conectam pesquisa, ensino e extensão, propõe-se a construção de arquivos de forma permanente e aberta. É nesse sentido que esse projeto coletivo segue uma abordagem tripartite à criação de espaços epistêmicos, sociais e políticos que se alimentam:



Tal mapeamento, sistematização e comparação de experiências constitui, num segundo momento, um acervo de conceitos e experiências que possa servir como base para a elaboração e difusão de arquivos e materiais de ensino sobre o campo e práticas de resolução e transformação de conflitos via as artes, como encontrados neste Catálogo. Tal acervo e material didático está sendo produzido primeiro em português devido ao fato de que o pouco material existente encontra-se majoritariamente em inglês e espanhol. A ser disponibilizado online, no formato de cartilhas, e gratuitamente para pessoas professoras de graduação e pós-graduação e educadoras na sociedade civil organizada, torna-se possível ampliar os diálogos e alargar os repertórios de análise e proposição.

Tais orientações metodológicas dão base para a criação de espaços de intercâmbio entre a academia e sociedade civil atuando no campo, como registrados aqui nos encontros híbridos de maio e junho de 2022. Essa abordagem tripartite que articula frentes interconectadas de pesquisa, ensino e extensão visa o fortalecimento de prioridades estratégicas institucionais e interinstitucionais e processos de construção de parcerias e capacitação no campo, que garante a relevância social e ampla do projeto. O envolvimento de estudantes dos programas de graduação da rede na relatoria e audiência, e estudantes da pós-graduação em oficinas e grupos de pesquisa paralelos às mesas redondas, afirma o compromisso formativo para todas as pessoas engajadas, entendendo esses processos como também geradores de conhecimento. Assim, buscamos diversificar as perspectivas sobre o campo e dar valor ao processo e não apenas aos produtos de nossas ações.

O compromisso social e decolonial metodológico se vale de tais práticas de organização e espaços de troca muitas vezes não consideradas como parte do trabalho acadêmico. Entendemos os encontros aqui registrados como contribuições que podem fundamentar práticas de pesquisa, ensino e extensão e oferecem possibilidades de renovar os processos de produção e organização de cada uma dessas esferas de atuação, e, deste modo, aproximar a academia e a sociedade civil e reorientar as possibilidades de incidência no campo.

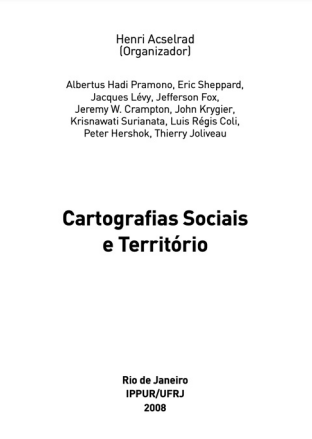
Ganhando força na América Latina desde os anos 2000, o arcabouço teórico-metodológico decolonial assume como ponto de partida a história de colonização e processos contínuos de descolonização que atravessam a região e excedem as fronteiras erguidas pelo projeto imperial europeu. Desta forma, o projeto aborda a questão de violência e desigualdade de forma estrutural e histórica, como fundante dos Estados modernos, socialmente herdada do legado colonial e escravagista. Na base dessas premissas e orientadas por conceitos-chave da área como *colonialidade do poder, do saber e do ser* que redimensionam as posições de sujeitos e relações assimétricas vigentes, esta abordagem se atenta tanto às continuidades quanto descontinuidades em dinâmicas conflituosas e as brechas que se manifestam neste quadro para a materialização de sistemas democráticos de direito efetivamente universais e capazes de mediar conflitos herdados.

O emprego de uma metodologia decolonial tem o mérito de desnaturalizar a representação dominante das periferias como estados de anarquia ou carência de cultura, essencialmente violentos, de perigo e ameaça à cidade formal, aos Estados e ao internacional. Coeren-



Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico

[clique aqui](#)



Cartografias sociais
e território.

[clique aqui](#)

te com uma metodologia decolonial e visando registrar as subjetividades políticas, artísticas e intelectuais de territórios perifерizados na história moderna/colonial, o projeto mobiliza práticas artísticas e culturais como *metodologias de acesso* para melhor compreender a reprodução de ciclos de violência e resistências possíveis.

O desenvolvimento do projeto através do arcabouço teórico-metodológico interseccional nos permitirá iluminar as múltiplas opressões e violências que incidem sobre os sujeitos que residem nas periferias e que são posicionados no entrecruzamento entre diferentes eixos de poder, como raça, classe, gênero e território, em relação a processos de privilegiamento e complexos de superioridade que sustentam tais hierarquias. Destacamos que as construções hierárquicas globais, de raça e gênero, por exemplo, são cúmplices da violência nas periferias e informam a construção de mecanismos de incidência e as inserções possíveis de sujeitos de direitos. A partir dos aportes interseccionais desenvolvidos por Carla Akotirene (2018) em contextos brasileiros, nesse projeto, raça, gênero e classe não serão entendidas como categorias isoladas ou mutuamente excludentes, mas como categorias analíticas conectadas que dão forma a desigualdades sociais complexas e violências históricas.

Essas orientações metodológicas direcionam os processos de mapeamento que compõem a base deste projeto. Conforme o manual produzido por pesquisadores na área da saúde público, *Pistas de um Método Cartográfico* (Passos et al 2009), a pesquisa busca acompanhar processos e se situar em territórios de pesquisa para discernir a configuração do campo e práticas e métodos em circulação, que atravessam e constituem a produção de subjetividades dentro deles. Essa prática de pesquisa-intervenção é voltada para, além de compreender as condições de possibilidade e legitimação do problema em questão, propor caminhos para intervir em sua reprodução. Assim, torna-se prioritário acessar redes, arquivos e sujeitos que estão posicionados como alvos predominantes de políticas de segurança, para alargar as perspectivas e significados de suas ações e o que reverbera ou não no sentido de prática transformadora. O manual e publicações e redes associadas no campo de *cartografia social* servirão como referências-chave para o desenvolvimento de mapeamentos qualitativos que re-desenham e aprofundam os termos de compreensão de causas-raízes e incidências possíveis no campo.

Conjugando as metodologias de pesquisa-ação com base nas artes com seus entrecruzamentos no campo de estudos sobre resolução e transformação de conflito, o projeto se dispõe a analisar coletivamente problemas de violência e desigualdades que forjam as causas-raízes de conflitos a partir de suas manifestações situadas e cotidianas, assim como históricas e interseccionais, potencializando metodologias de acesso em territórios perifерizados e sob violência organizada. Com base nessas orientações metodológicas, este projeto - incluindo os Diálogos aqui apresentados - assume como ponto de partida a ótica das artes e cultura, lançando luz sobre ferramentas teórico-metodológicas que reverberam no plano local e regional e com um público mais amplo.



Interseccionalidade -
Coleção Feminismos
Plurais

[clique aqui](#)

RELATOS & ENCONTROS

DIÁLOGO I

**ESTÉTICAS DECOLONIAIS COMBATIVAS EM AÇÃO:
REFLEXÕES A PARTIR DO MOVIMENTO STRIKE MOMA**

COORDENAÇÃO	Andréa Gill Instituto de Relações Internacionais/PUC-Rio
CONTRIBUIÇÕES	Kency Cornejo University of New Mexico Nelson Maldonado Torres Rutgers University Frantz Fanon Foundation Nitasha Dhillon MTL Collective
RELATORIA	Gabriel Estill Programa de Graduação IRI/PUC Rio

Fundação
Frantz Fanon
[clique aqui](#)

A proposta deste diálogo é abrir um espaço epistêmico e político no qual se torna possível questionar os termos dos debates postos. Participantes buscaram expor diferentes perspectivas sobre as dinâmicas da violência e suas legitimações por parte de instituições culturais e educativas hegemônicas e situadas nos centros do poder global, como no caso do Museu de Arte Moderna em Nova Iorque – MoMA, onde se encontraram para repensar o papel político da arte.

A professora e pesquisadora do IRI/PUC-Rio, **Andréa Gill**, situa os objetivos da mesa no reposicionamento do lugar da arte, da cultura e da comunicação em processos políticos, especialmente no enfrentamento à violência e processos de descolonização e democratização efetiva na contemporaneidade. Trata-se de uma organização coletiva feita pelas pessoas participantes a fim de compartilhar suas experiências, ações e reflexões políticas no campo das artes e das instituições culturais e educativas a partir de seus envolvimento no movimento Strike MoMA.

Site Strike MoMA
[clique aqui](#)

SOBRE A GERAÇÃO DE CONCEITOS ATRAVÉS DA ARTE E MOVIMENTOS SOCIAIS

Nitasha Dhillon começa sua fala apresentando algumas perguntas guia a partir de suas experiências em movimentos sociais e políticos no âmbito da arte contemporânea em Nova Iorque, como:

O que é arte gerada por movimentos?

O que é pedagogia gerada por movimentos?

O que é pesquisa gerada por movimentos?

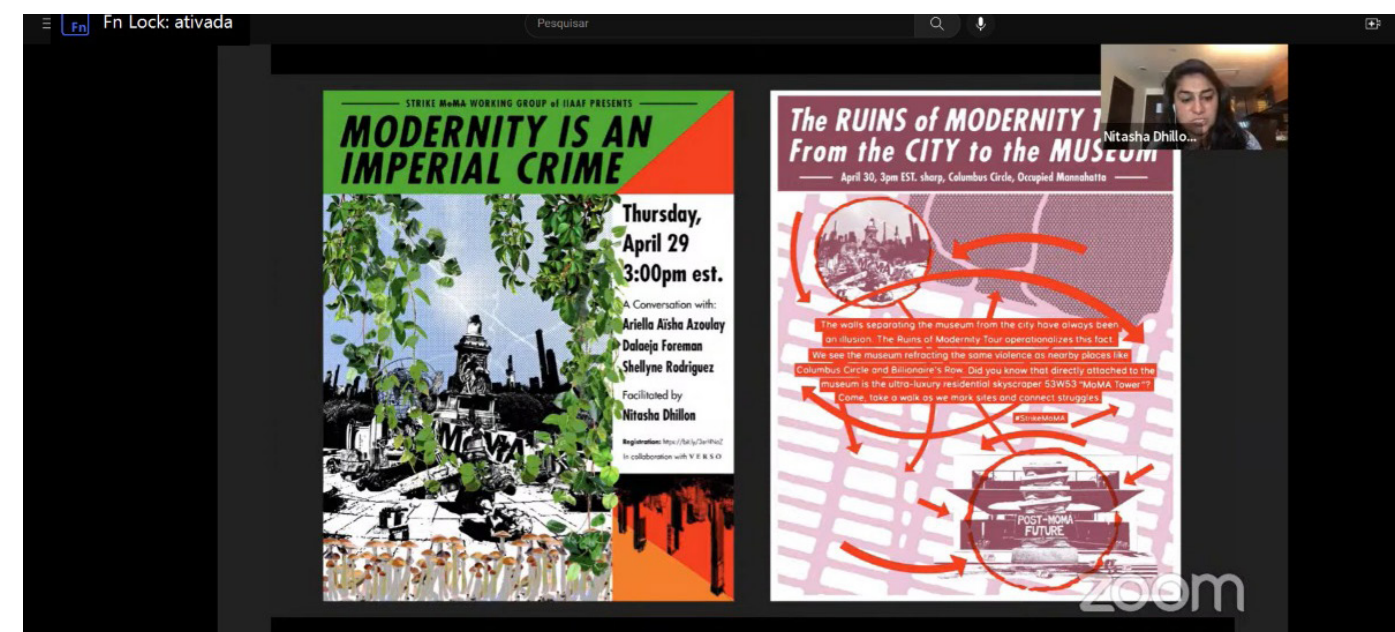
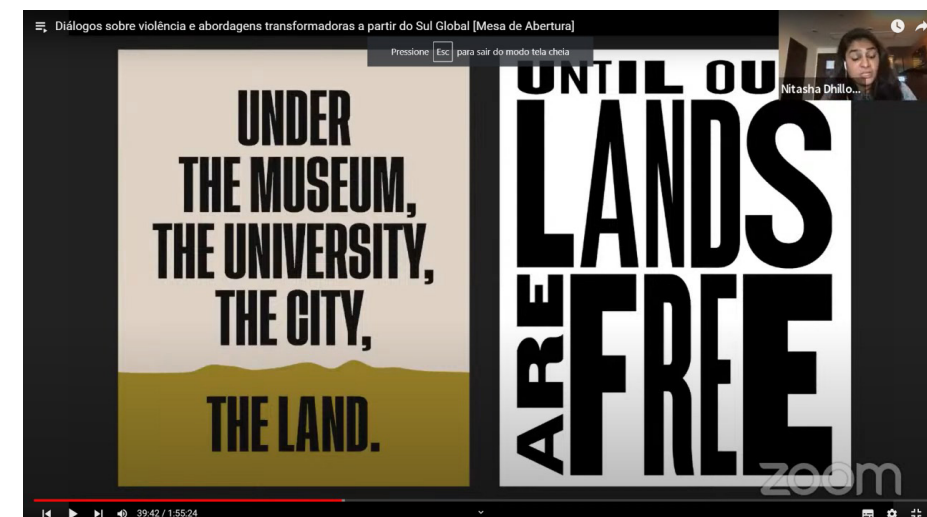
Qual o papel de artistas hoje?

A escritora, artista, educadora e organizadora continua sua fala expondo as complicitades de museus e a indústria da arte com projetos civilizadores forjados na colonialidade do ser, saber e poder. Destaca, em especial, as condicionalidades impostas por programas de desenvolvimento social do Fundo Monetário Internacional (FMI) e da Organização das Nações Unidas (ONU), e seus efeitos sobre a política do fazer artístico e cultural.

Nesse sentido, Nitasha propõe uma abordagem decolonial e abolicionista sobre as instituições de arte que requer uma reflexão estrutural e histórica, desde o território em que estão construídas até seu propósito em um contexto mais amplo. Ela ressalta como o MoMA, por ser um museu de Arte Moderna, incorpora o projeto da modernidade

política e reproduz formas de colonialismo e de políticas de assimilação e branqueamento ao se apropriar de movimentos políticos de libertação, espelhados em ideais eurocêtricos.

Deste modo, Nitasha lança luz sobre como pensar as disputas políticas em outras localidades como Palestina, Porto Rico, região do Golfo, entre outras, ajuda a construir uma noção de luta conjunta de libertação para além das fronteiras nacionais e dos limites do Estado-Nação. Com isso, ela encerra sua fala convidando para a reflexão acerca do colonialismo de ocupação (*settler colonialism*) como uma estrutura, para além das interpretações limitadas a uma noção de um evento, relegado ao passado.



SOBRE A POLÍTICA DA ARTE E A ARTE DA POLÍTICA

Nelson Maldonado-Torres trouxe para a mesa um alerta contra a romantização da arte, especialmente por parte da academia e sociedade civil mais distante de suas operacionalizações diárias. Assim, reuniu as suas duas colaboradoras no movimento Strike MoMA para compor um diálogo sobre os limites e as possibilidades políticas de disputas artísticas comprometidas com a criação de um mundo mais justo e igualitário.

A reflexão preparada pelo professor e pesquisador de literatura comparada e estética abre com recordações pessoais sobre a ideia comumente cultivada de que a arte seria uma forma de produção fora do capitalismo e que não seria guiada por leis econômicas e utilitárias, se distanciando também das produções de violência motivadas pelo capitalismo. O professor pontua como essa ideia é falsa em diferentes níveis, apontando que formas sistêmicas de violência não são motivadas apenas pelo capitalismo, mas também pela ontologia global que, por sua vez, tem íntima ligação com o colonialismo.

O principal argumento é que é equivocado pensar na arte como sendo, de alguma forma, retirada da violência porque aparenta escapar ao paradigma da acumulação econômica. Ao contrário, a arte tem sido uma parte central da ontologia moderna/colonial: ou seja, tem contribuído para as imagens, metáforas, e símbolos que nos permitem dar sentido à nossa realidade e tomar sua colonialidade como certa.

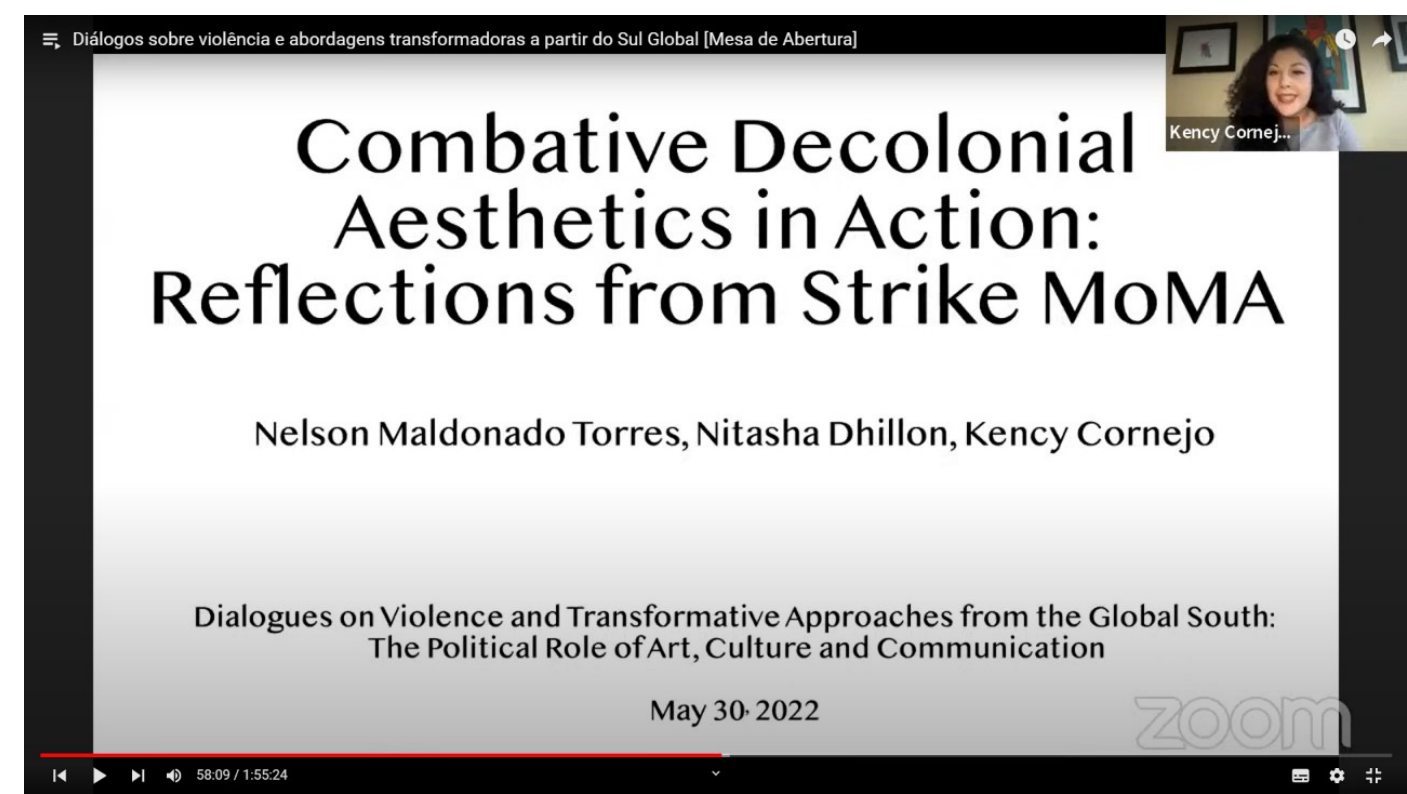
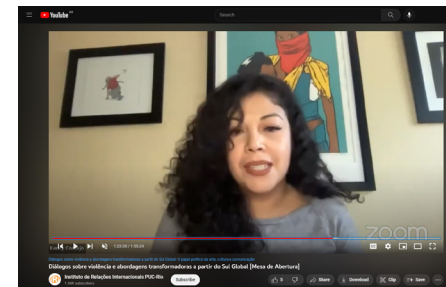
Além disso, como explicitado pelo movimento Strike MoMA, há uma concentração de super-ricos ocupando espaços decisórios como conselhos executivos de museus e instituições artísticas enquanto também tem negócios no âmbito bélico-militar, por exemplo. Dessa forma, a arte não está distanciada nem do capitalismo e nem da violência organizada.

A apresentação do Nelson se conclui destacando a importância de movimentos sociais, como o Strike MoMA, em combinar as estruturas de descolonização, abolição, anticapitalismo, anti-imperialismo e a crítica do patriarcado no esforço de desexcepcionalizar o museu e expor tanto sua típica estética moderna/colonial, quanto a economia política do circuito de arte.

Sobre o poder das imagens

Kency Cornejo situa a sua fala compartilhando suas raízes familiares em El Salvador e as disputas geopolíticas da região, especialmente em relação a proximidade com Cuba e após a revolução Sandinista na Nicarágua, tornando a América Central foco da estratégia militar estadunidense de repressão social. Esse histórico situado é importante na medida em que, como ela aponta, tem reflexos contemporâneos em El Salvador e em toda a região, com índices altíssimos de feminicídio, violência contra a população LGBTQIA+, violência racial, além de perseguições de ativistas e outras várias violências.

A professora e historiadora da arte apresenta uma série de exemplos de arte-resistência, em formatos de fotografia, performances, vídeo-performances, intervenções urbanas, denunciando violências anti-indígena e anti-negra, e a exploração laboral sob o regime neoliberal, que atinge mães e mulheres latino-americanas. Ao demonstrar como essas opressões estão presentes em diversos territórios na América Latina, Kency retoma a proposição do movimento Strike MoMA em pensar redes de lutas transnacionais, e a importância de explicitar as práticas coloniais mascaradas em instituições de arte.



Diálogos sobre violência e abordagens transformadoras a partir do Sul Global [Mesa de Abertura]

Diagram illustrating the art system and its connections, featuring various institutions and movements like Copenhagen Museum, NYC STANDS WITH STANDING ROCK, DIGNITY STRIKE, IDBBANK, WHITNEY, CENTRAL PARK, THE MET, FORD FOUNDATION, FTP METROTECH, LENAPEHOKING, FTP II, FTP III, THE BRONX, and THE HUB.

15:02 / 1:55:24

Zoom

CONFERÊNCIA DE ABERTURA:
ESTÉTICAS DECOLONIAIS
COMBATIVAS EM AÇÃO:
REFLEXÕES A PARTIR DO
MOVIMENTO *STRIKE MOMA*
30.05 | 11H - 13H | ONLINE

COORDENAÇÃO: ANDRÉA GILL (IRI/PUC-RIO)
KENCY CORNEJO (UNIVERSITY OF NEW MEXICO)
NELSON MALDONADO-TORRES (RUTGERS UNIVERSITY)
NITASHA DHILLON (MTL COLLECTIVE)

[CLIQUE AQUI PARA ASSISTIR](#)

DIÁLOGO II

**SOBRE VIOLÊNCIA E ABORDAGENS
TRANSFORMADORAS A PARTIR DO SUL GLOBAL:
COMO PENSAR AS RESPOSTAS IM/POSSÍVEIS?**

COORDENAÇÃO	Paula Drummond Instituto de Relações Internacionais/PUC-Rio
CONTRIBUIÇÕES	Haydée Glória Cruz Caruso Universidade de Brasília Marcelle Decothé Instituto Marielle Franco Universidade Federal Fluminense Pedro Paulo da Silva Rede de Observatórios de Segurança, LabJaca IRI/PUC-Rio Phoebe Kisubi University of Essex African Gender Institute of the University of Cape Town
RELATORIA	Vitoria Maciel Programa de Graduação IRI/PUC Rio

Fórum Brasileiro de
Segurança Pública
[clique aqui](#)

Instituto
Marielle Franco
[clique aqui](#)

Rede de
Observatórios
da Segurança
[clique aqui](#)

LabJaca: Laboratório
de dados e narrativas
sobre favelas e periferias
[clique aqui](#)

A mesa coloca em perspectiva diferentes abordagens acerca da violência que marca as vivências de diferentes grupos pertencentes ao Sul Global. Nesse sentido, as exposições são atravessadas por questões como racialidade, gênero, sexualidade e vivências múltiplas. As falas das pessoas pesquisadoras identificam diferentes maneiras através das quais as violências localizadas se mostram no cotidiano de diferentes grupos. Destacam, também, formas de resistência a essas violências, como a ficção, a memória, o luto e o teatro.

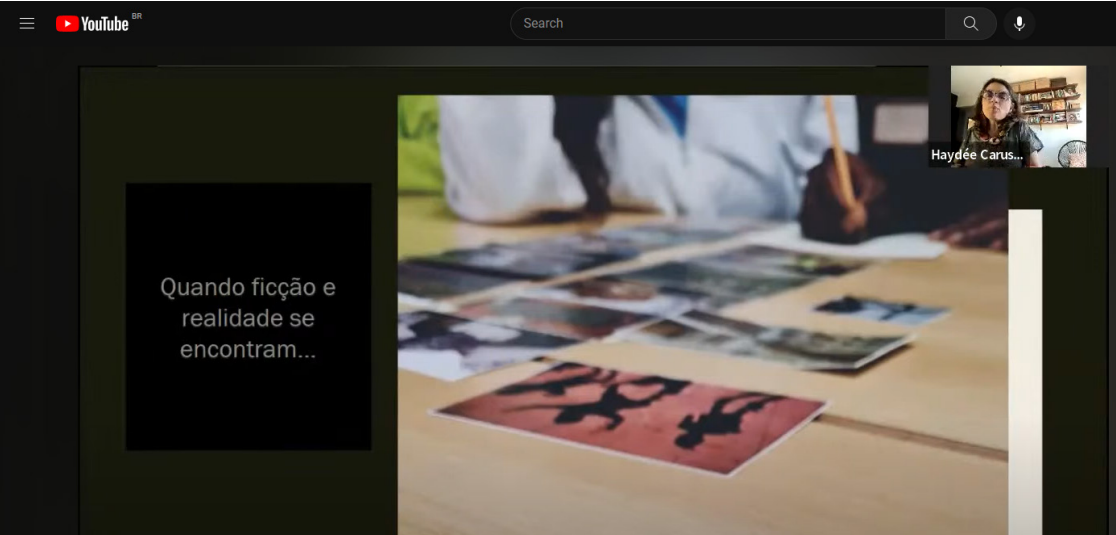
A professora e pesquisadora do IRI/PUC-Rio, **Paula Drummond**, situa os objetivos deste diálogo sobre violência e abordagens transformadoras a partir do Sul Global, centrando o questionamento sobre os fundamentos do que entendemos como violência e as respostas possíveis trabalhadas em contextos e atuações específicas no campo.

SOBRE ETNOFICÇÃO E A RECONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADES

Haydée Caruso trouxe o seu trabalho no Centro Educativo de Santo Antônio, em Lisboa, com jovens que foram sujeitos à violência desde cedo e cometeram atos análogos ao crime. A professora e pesquisadora traz, em sua fala, o trabalho de campo realizado com os jovens que vivem no Centro Educativo e o uso de metodologias que a permitiram acessar dimensões que o trabalho de campo em si não permite.

A pesquisadora desenvolve uma discussão sobre metodologias e o uso da etnoficção, com a criação das “histórias de João”, exercício a partir do qual os jovens podem criar histórias para um personagem fictício seguindo suas próprias vivências.

Além disso, Haydée busca lançar luz sobre aspectos entrecruzados de uma pesquisadora brasileira no contexto português. Nesse sentido, sua exposição demonstra dinâmicas Norte-Sul e aspectos de pertencimentos identitários, culturais e territorializados.



SOBRE CARTOGRAFIAS SOCIAIS E AS AGÊNCIAS DAS PERIFERIAS

Marcelle Decothé traz sua experiência como organizadora e educadora popular para avançar uma compreensão mais situada da complexidade do fenômeno da violência e militarização no cotidiano das favelas e periferias. Nesse sentido, ela expõe seu trabalho sobre como violência e militarização são postos como lugar comum da socialização, culturalmente organizando a base de convivência, e como gerações são moldadas pela violência estatal e paraestatal.

No âmbito da pesquisa, Marcelle elabora sobre a metodologia da cartografia social como um modo de enfrentamento político e epistêmico, em que a pesquisa é produzida por pessoas que participam do contexto cotidiano que está sendo estudado, saindo da posição de objeto e ocupando a posição de sujeito/agente, com implicações significativas para o processo de produção de conhecimento. Assim, destaca-se a importância da formação e presença de pessoas pesquisadoras negras, faveladas e periféricas em espaços acadêmicos e de formulação de políticas públicas.

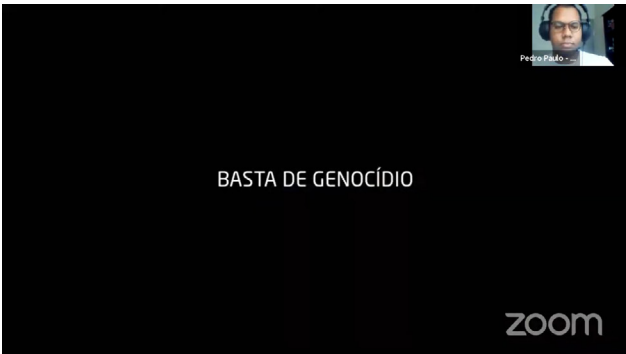
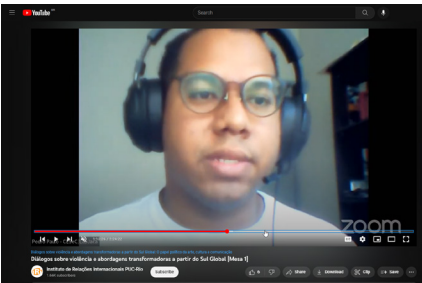


SOBRE ENXERGAR TODO O ICEBERG

Pedro Paulo dos Santos abre a sua fala trazendo da metáfora do iceberg para lançar luz sobre a violência de Estado. Assim, situa a violência policial como a ponta do iceberg e convida um olhar mais sistemático para as múltiplas dimensões da violência estatal e paraestatal, e suas condições de possibilidade e legitimação cotidianas.

Nesse sentido, Pedro Paulo propõe uma análise da violência letal no Brasil a partir de uma perspectiva afrodiaspórica que trabalha a vida, morte e morte-em-vida marcada pela antinegritude. Deste modo, o pesquisador abre uma discussão sobre o estado atual de produção de dados, e traz a experiência de organizações da sociedade civil que se comprometem a produzirem dados e narrativas que deem conta dessas realidades e que permitem a formulação de debate e política pública mais adequados a esse quadro secular de desumanização antinegra.

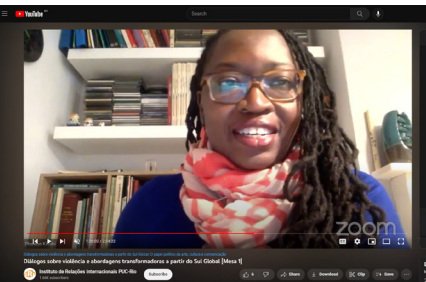
O pesquisador e organizador comunitário destaca, ainda, que as formas de sucesso de pesquisas devem ser medidas não somente a partir do preenchimento de critérios acadêmicos, mas de sua incidência no cotidiano de comunidades.



**SOBRE PERFORMANCE E TEATRO
COMO MEIOS DE REFAZER DIÁLOGOS**

Phoebe Kisubi desenvolve leituras decoloniais sobre as dinâmicas que sustentam a violência racial e de gênero, especialmente no contexto sul-africano onde trabalha conjuntamente com a universidade e organizações da sociedade civil. Traz como foco principal um projeto com trabalhadoras de sexo que se organizam para reivindicar direitos e reformular debate e política pública através das artes, especialmente por meio da organização de uma companhia de teatro autônoma.

O projeto, apoiado pela rede GlobalGRACE, se utiliza sobretudo da performance teatral como forma de renarrar suas histórias e romper com normas de gênero, sexualidade e raciais, a partir de expressões geradas para provocar o público e engajar suas re/ações de modo dialógico. Nesse sentido, a performatividade teatral funciona como uma forma de ativismo para desconstruir as visões do público sobre trans/genericidade e o trabalho de sexo e isso é expressado por Phoebe como ativismo metodológico para desconstrução de epistemologias que se sustentam em padrões hegemônicos e violentos de convivência.





African Gender
Institute
[clique aqui](#)

Sex Workers
Education &
Advocacy Taskforce
[clique aqui](#)

GlobalGRACE
[clique aqui](#)

MESA 1

SOBRE VIOLÊNCIA E

ABORDAGENS TRANSFORMADORAS

A PARTIR DO SUL GLOBAL:

COMO PENSAR AS RESPOSTAS IM/POSSÍVEIS?

31.05 | 11H - 13H | ONLINE



COORDENAÇÃO: **PAULA DRUMOND** (IRI/PUC-RIO)
HAYDÉE GLÓRIA CRUZ CARUSO (UnB)
MARCELLE DECOTHÉ (INSTITUTO MARIELLE FRANCO, UFF)
PEDRO PAULO DA SILVA (REDE DE OBSERVATÓRIOS DE SEGURANÇA, LABJACA, IRI/PUC-RIO)
PHOEBE KISUBI (UNIVERSITY OF ESSEX, UNIVERSITY OF CAPE TOWN)

[CLIQUE AQUI PARA ASSISTIR](#)

DIÁLOGO III

SOBRE MEMÓRIA, JUSTIÇA E REPARAÇÃO:

O QUE ESTÁ EM JOGO NAS DISPUTAS

ARTÍSTICAS-CULTURAIS NO CAMPO?

COORDENAÇÃO

Flavia Guerra Cavalcanti

Instituto de Relações
Internacionais e Defesa / UFRJ

CONTRIBUIÇÕES

Azadeh Sobout

University of Manchester

Carolina Pinzón

Universidade de Artes
de Berlim UDK

Deyanira Clériga Morales

Universidad Autónoma de Chiapas,
Voces Mesoamericanas

Gabriel Dattatreyan

Goldsmiths University of London

RELATORIA

Bruna Reis

Katherine Sacramento

Programa de Graduação
IRID/UFRJ

The Art of
Peace Project
[clique aqui](#)

Voces
Mesoamericanas
[clique aqui](#)

Museu Migrante
[clique aqui](#)

Esta mesa se propõe a abrir um diálogo sobre questões de memória, verdade, justiça e reparação, especialmente em termos colocados por disputas artísticas e culturais em contextos específicos de pesquisa e atuação no campo. A professora **Flavia Guerra Cavalcanti** do IRID/UFRJ situa os objetivos de repensar o que entendemos como conflito e paz e meios de mobilização pública.

As contribuições destacam metodologias na base das artes, desde o campo das artes visuais à dança, música e outras estratégias de criação de espaço público democrático e museus populares, para além da reconstrução de arquivos e sistemas de referências aptos a responder a localidades distintas.

SOBRE REPARAÇÃO PELA ARTE E CRIAÇÃO DE COMUNIDADE E CONTRA-ARQUIVOS

Azadeh Sobout aborda a criação de espaços de justiça e reparação pela arte após a Revolução Síria. A questão que orienta sua pesquisa é: “como os arquivos desses sobreviventes são tratados?” O arquivo é visto como uma memorialização de um mosaico plural de identidades.

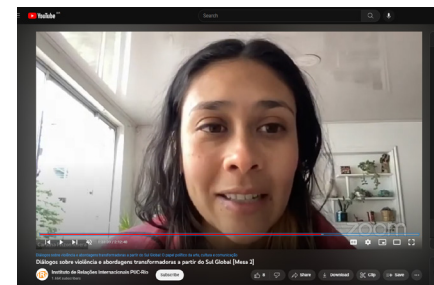
A pesquisadora trabalha a maneira pela qual as pessoas artistas da Síria, Palestina e Líbano se relacionam, crítica e artisticamente, com os discursos acerca do deslocamento, criatividade e ética. Ao exemplificar com o Coletivo Zayrakoun, relata como artistas se unem nas ruas e em vizinhanças para pensar sobre novas formas de viver no período pós-conflito.

Também é pontuado, por meio de uma instalação artística de Milar Amin, a importância do controle da memória e da diferenciação de pessoas - neste caso, sírias, que não são uma unidade de análise. A exemplificação segue até uma pintura realizada por crianças em exercícios coletivos no campo de pesquisa, que resalta o deslocamento e a falta de um lar/local físico que sirva como casa, o que pode ser interpretado como uma alusão à falta de comunidade, de um lugar. É a partir dessa imagem que a pesquisadora pergunta sobre “como construir a temporalidade em um estado de mobilidade extrema e sem terra?”. Uma das possíveis respostas é a de que a arte é capaz de desenvolver solidariedades por meio de uma renegociação em formas muitas vezes entendidas como pequenas.

SOBRE RESISTÊNCIAS À VIOLÊNCIA ESTATAL E PARAESTATAL E A RESSIGNIFICAÇÃO DE MEMÓRIAS

Em seu trabalho, **Carolina Pinzón** apresenta a relação entre arte e memória histórica na Colômbia, considerando os anos de conflito no país. Aborda, por meio da perspectiva crítica da vivência de pessoas frente à violência, sobretudo nos anos do governo de Álvaro Uribe, questões como o paramilitarismo, os falsos positivos - caracterização de pessoas civis como guerrilheiras para que fossem consideradas baixas de guerra pelo Exército - e a impunidade do governo.

Carolina analisa três casos: as mães de Soacha, que perderam seus filhos como falsos positivos; as Magdalenas do rio Cauca, que tratam do desaparecimento forçado em Trujillo; e o das vítimas de violência sexual. A artista e pesquisadora destaca como as escolhas de cores, palavras e posições de figuras nas obras apresentadas servem para denunciar o que foi sofrido, ressignificar o passado e dignificar a memória das vítimas.

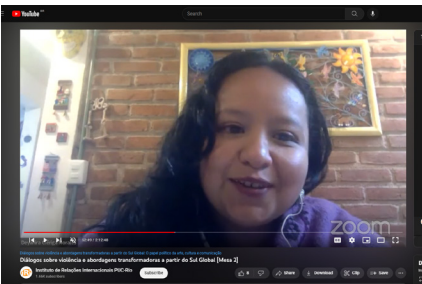


**SOBRE MEMÓRIAS DE LIBERDADE
E A RENARRAÇÃO DA HISTÓRIA**

Deyanira Clériga Morales desenvolve um trabalho voltado para a defesa dos direitos humanos de pessoas migrantes na organização Vocês Mesoamericanas e na Universidad Autónoma de Chiapas. Analisa-se o contexto migratório na América Central, América do Sul, Caribe, Ásia e África, assim como o fato de que a política migratória restritiva adotada pelo governo mexicano, em específico, está alinhada com os interesses estadunidenses.

Diante destes desafios, a organização Voces Mesoamericanas apoia o direito ao *bem viver* e ao *bem migrar*, o que é expresso nas manifestações artísticas de resistência. O conceito de bem viver se espelha na forma como os povos originários habitam o mundo. Já o bem migrar consiste na liberdade da pessoa de permanecer em seu território ou optar por migrar sem correr perigo de vida.

A pesquisadora e educadora popular apresenta o Museu do Migrante como um espaço público no qual os indivíduos podem renarrar as suas histórias e trajetórias, desnaturalizando as violências nos discursos de ódio, racismo e xenofobia, e construindo, em seu lugar, uma memória de liberdade, bem como a denúncia das explorações sofridas no percurso.



**SOBRE DIÁSPORAS E HIPHOPOGRAFIAS
NA CONSTRUÇÃO DE COLETIVIDADE E DIGNIDADE**

A apresentação de **Gabriel Dattatreyan** trata da *hiphopografia* - termo cunhado nos anos 2000 pelo pesquisador da diáspora afro-americana H. Samy Alim para pensar maneiras decoloniais de abordar o hip hop - e do nacionalismo tóxico.

Sua pesquisa, iniciada em 2011, mostra a migração em massa e o rápido crescimento territorial e populacional de Délhi, capital da Índia. Também delinea a relação de pessoas trabalhadoras com as mudanças que ocorreram na cidade nos últimos anos, considerando as desigualdades econômicas, de gênero, de casta e religiosas. Nesse cenário cultural, o hip hop e suas práticas - rap, grafite, dança e dj, por exemplo - possibilitaram que jovens pensassem suas posições radicalizadas, marginalizadas e generificadas.

O antropólogo e *mediamaker* utiliza uma metodologia de co-criação e co-produção da hiphopografia como reparação, possibilitando um espaço onde os participantes da pesquisa pudessem readquirir seu potencial econômico, dignidade e recuperar e representar a memória dos que foram subjugados - especialmente considerando o cenário do nacionalismo religioso que trouxe consigo a ideia de uma Índia hinducêntrica e, conseqüentemente, islamofóbica. Por meio do registro das atividades realizadas (músicas e vídeos), os jovens puderam criar um senso de coletividade e uma memória contra-hegemônica sobre suas vivências.



Diálogos sobre violência e abordagens transformadoras a partir do Sul Global [Mesa 2]

A poesia é uma arma carregada de futuro

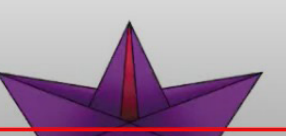
Porque vivemos de golpes, porque mal nos deixam
Dizer que somos quem somos
nossas canções não podem ser sem pecado um ornamento.
Estamos chegando ao fundo do poço.

Eu amaldiçoo a poesia concebida como um luxo
cultural pelos neutros
que, lavando as mãos, ignoram e fogem.
Amaldiçoo a poesia daqueles que não tomam partido até que
sejam manchados.

Não é uma poesia de pensamento gota a gota.
Não é um produto bonito. Não é uma fruta perfeita.
É algo como o ar que todos respiramos
e é a música que da lugar a aquilo que carregamos dentro.

São palavras que todos repetimos sentindo
São o mais necessário: o que não tem nome.
São gritos no céu, e na terra, são atos

Gabriel Celaya, 1955.



The cipa as a space of learning/research creating reparative contact zones

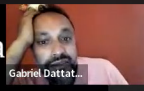


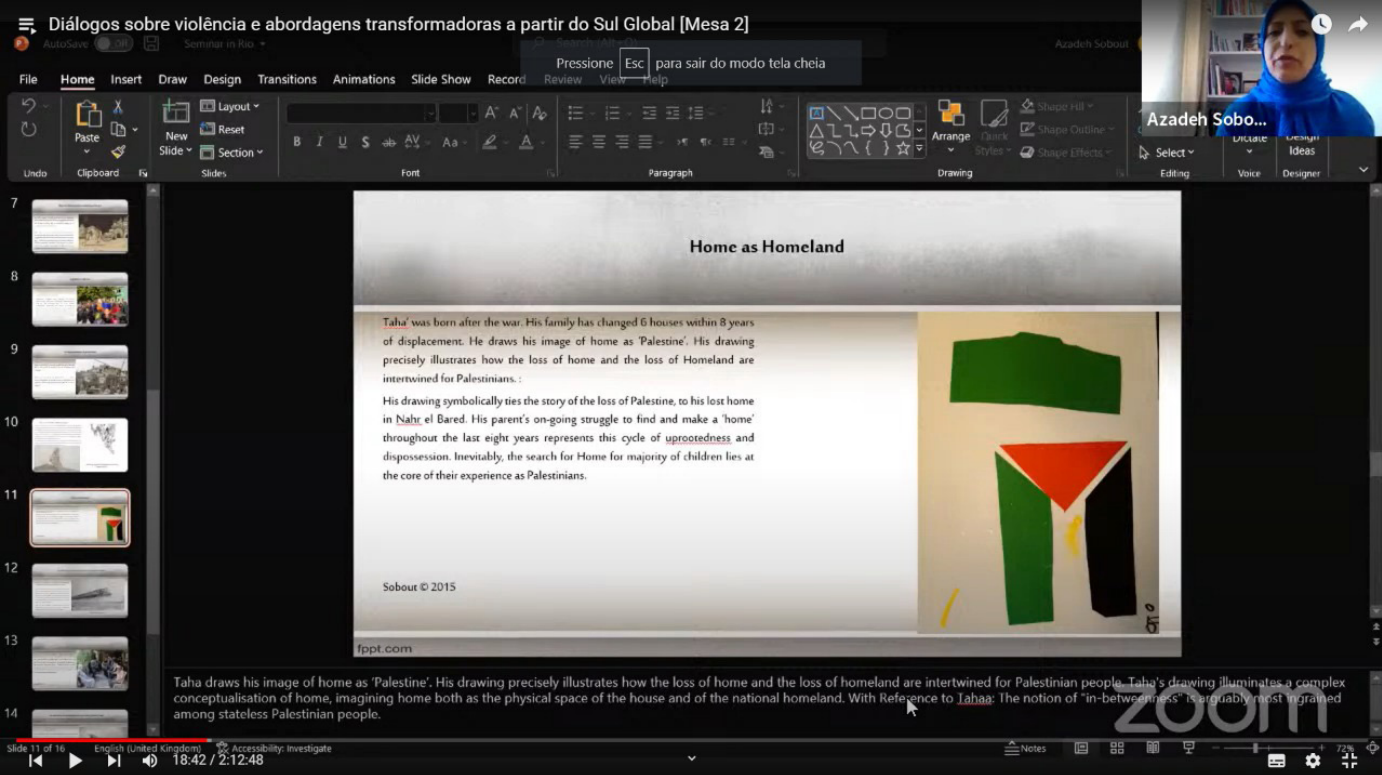
Diálogos sobre violência e abordagens transformadoras a partir do Sul Global [Mesa 2]

Instituto de Relações Internacionais PUC-Rio

93 Views Streamed 5 months ago

Mesa 2: Sobre memória, justiça e reparação: O que está em jogo nas disputas artísticas culturais no campo? / On memory, justice and reparation: What is at stake in artistic-cultural disputes within the





MESA 2

**SOBRE MEMÓRIA,
JUSTIÇA E REPARAÇÃO:
O QUE ESTÁ EM JOGO NAS DISPUTAS
ARTÍSTICAS-CULTURAIS NO CAMPO?**

01.06 | 11H - 13H | ONLINE

**COORDENAÇÃO: FLAVIA GUERRA CAVALCANTI (UFRJ)
AZADEH SOBOUT (UNIVERSITY OF MANCHESTER)
CAROLINA PINZÓN (MUSEO DE MEMORIA DE COLOMBIA)
DEYANIRA CLÉRIGA MORALES (UNIV. AUTÓNOMA DE CHIAPAS, VOCES MESOAMERICANAS)
GABRIEL DATTATREYAN (GOLDSMITHS UNIVERSITY OF LONDON)**

[CLIQUE AQUI PARA ASSISTIR](#)

DIÁLOGO IV

SOBRE IMAGINÁRIOS E PROJETOS COLETIVOS

EM DEFESA DA VIDA: COMO RECONSTRUIR

OS TERMOS DA DISPUTA?

COORDENAÇÃO

Andréa Gill
Instituto de Relações
Internacionais/PUC-Rio

CONTRIBUIÇÕES

Gleyce Kelly Heitor
Oficina Brennand

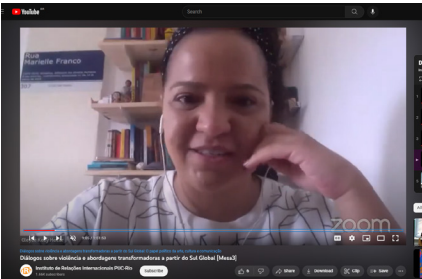
Jean Carlos Azuos
Galpão Bela Maré
Letras/PUC-Rio

Natalia Viana
Observatório de Favelas
UERJ

Robbie Shilliam
Robbie Shilliam

RELATORIA

Camila de Oliveira B.
do Nascimento
Programa de Graduação
IRI/PUC-Rio



Oficina Brennand
[clique aqui](#)

Museu da Beira da
Linha do Coque
[clique aqui](#)

Museu das
Remoções
[clique aqui](#)

Esta mesa propõe um diálogo sobre o papel político da arte na disputa por imaginários e projetos coletivos comprometidos com o respeito à vida e abordagens transformadoras de violência e desigualdade. A professora e pesquisadora **Andréa Gill** do IRI/PUC-Rio situa esse objetivo através das esferas de atuação em destaque, desde as políticas culturais, práticas museológicas e educativas em jogo.

As contribuições articulam exemplos práticos em torno de projetos coletivos voltados para processos formativos que afirmam a arte enquanto uma ferramenta de incidência política. Também trabalham diversas formas, linguagens e poéticas que redimensionam o problema da violência e práticas de resistência e reexistência perante à violência estrutural e histórica que marca as pós-colônias há séculos.

Sobre museus como dispositivos de memória e o direito à cidade.

Gleyce Kelly Heitor traz a sua pesquisa como profissional de museus, apresentando a luta por direito à memória, justiça e reparação por pessoas moradoras de comunidades prejudicadas por políticas de remoção da cidade e de pacificação. Essa luta implica um processo de ressignificação, à medida que a construção coletiva de museus comunitários torna-se a condição de possibilidade de criação de contra-narrativas e de reivindicações de direitos num embate contra a lógica de marginalização por parte do Estado.

Sua análise está voltada para dois museus comunitários, o Museu da Beira da Linha do Coque e o Museu das Remoções. Ambos foram criados como formas de contestação aos processos de violência e de violação aos direitos humanos e ao direito à moradia, quando o Brasil passava por um processo de “reorganização” e reformas para receber os chamados megaeventos esportivos como a Copa do Mundo e as Olimpíadas. Gleyce parte da hipótese de que ambos os museus analisados provocam uma mudança de perspectiva no cenário das práticas museológicas contemporâneas, sobretudo no Brasil, uma vez que se distinguem de outros museus por constituírem o repertório de luta das comunidades onde estão localizados.

Portanto, museus comunitários colocam-se como experiências que nos convocam a pensar sobre o lugar das instituições museológicas, culturais e educativas e suas cumplicidades, e assim reposicionar o direito à memória de modo a incidir sobre arenas de disputa por território, moradia e o direito à cidade.



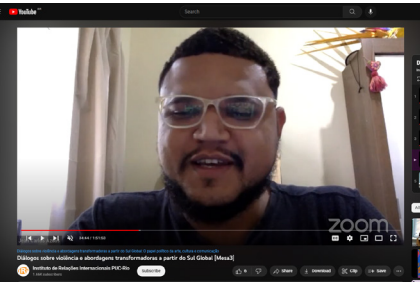
SOBRE CURADORIA, TERRITÓRIO E ARTE

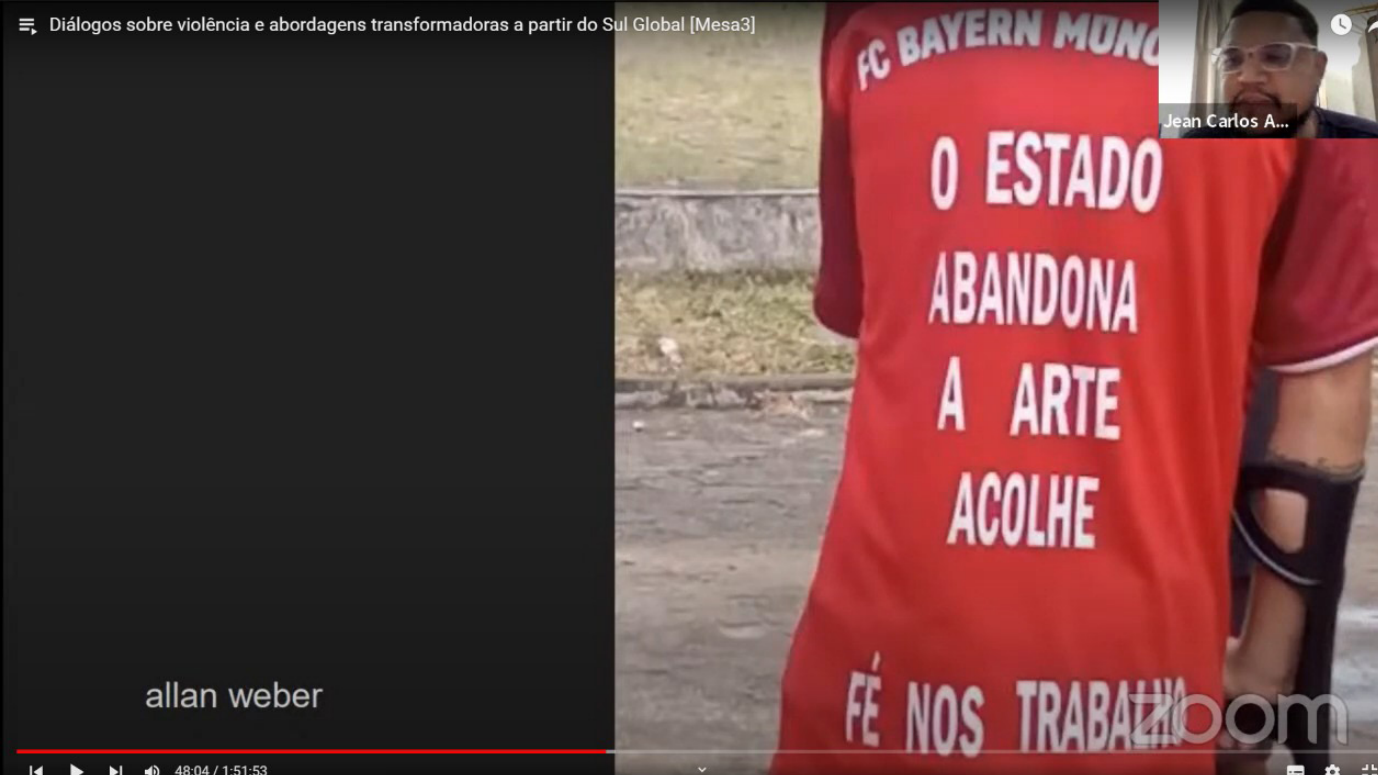
A contribuição do **Jean Carlos Azuos** se baseia em sua prática e pesquisa curatorial a partir do Galpão Bela Maré, que se debruça na articulação entre território e arte, debatendo questões anticoloniais e de gênero e outras dissidências racializadas.

Em sua apresentação, ele traçou uma análise sobre o trabalho de duas pessoas artistas, Jurema Mombaça e Allan Weber, que dentro de suas poéticas discutem, através de diferentes formas e linguagens, respostas a violências coloniais, estruturais e políticas.

O curador e pesquisador, em diálogo com suas referências artísticas e escritos de Frantz Fanon e Grada Kilomba, destaca um movimento que trabalha o mundo como ferida/trauma e, assim, sugere que os trabalhos e artes tanto de Jurema quanto de Allan sejam articulados como “curativos”, numa possibilidade de fornecer respostas a essas feridas que se expressam através das violências cotidianas contra corpos dissidentes, racializados, LGBTQIA+, dentre outros marcadores que refletem a necessidade de pensar a distribuição da violência e estratégias de defesa.

Com esses trabalhos, entre outros, o cura-dor propõe uma mobilização da arte de modo a questionar a ideia de excepcionalidade da violência e abrir possibilidades para pensar o futuro. A imaginação é rearticulada em torno das possibilidades de estar vivo perante processos seculares de desumanização e violência legitimados pelo projeto colonial europeu. Assim, a apresentação abre conversas sobre que tipo de de/formação artística e política pode contribuir para projetos de sociedade efetivamente democráticos e plurais.





SOBRE PESQUISA COMO PROCESSO FORMATIVO E METODOLOGIAS COLETIVAS DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

Natália Viana oferece uma série de exemplos práticos da mobilização da arte na disputa por memória, justiça e reparação, incluindo projetos coletivos voltados para processos formativos que afirmam a arte enquanto uma ferramenta de incidência política e em disputa pela vida. A educadora e pesquisadora aponta para a necessidade de vias de enfrentamento à violência e à desigualdade que se comprometam com metodologias que considerem as experiências e identidades de indivíduos e coletivos que diariamente são penalizados na sociedade através de hierarquias raciais, de gênero e território vigentes.

O primeiro caso destacado é a pesquisa realizada pelo Observatório de Favelas em 2019, a partir do eixo de Direito à Vida e Segurança Pública no qual Natália atua como pesquisadora, intitulada *Tecendo memórias: homicídios de adolescentes e jovens no estado do Rio de Janeiro*. A pesquisa fornece reflexões relevantes em torno das disputas feitas por defensores de direitos humanos e familiares e amigos dessas vítimas. Ela traz produções como a Revista em Quadrinhos *Memória* que junta processos de pesquisa e incidência na memorialização da violência estatal.

O segundo caso refere-se aos processos inseridos no curso *DELAS: direitos, política e arte*, que resultou na publicação de um ebook pelo mesmo nome, cuja proposta é de fortalecer a organização de mulheres cis e trans, negras e/ou periféricas, pensando a conquista de seus direitos e o enfrentamento à violação de seus direitos, especificamente, olhando para a violência de gênero e para a letalidade feminina.

A mobilização dessas práticas e produções ajuda a refletir sobre a disputa para um futuro que seja radicalmente coletivo e democrático. Para a pedagoga, não há uma via de enfrentamento à violência e às desigualdades que não passem por um comprometimento na construção de metodologias que levem em consideração as identidades e vivências dos indivíduos e coletivos que sofrem diariamente com a marginalização e violência na nossa sociedade.

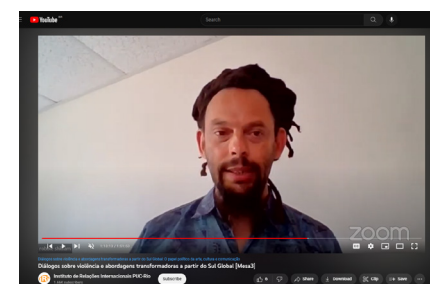
SOBRE SOBREVIVÊNCIA CRIATIVA E A LUTA POR PODER SER

Robbie Shilliam traz suas reflexões costurando um diálogo com as demais falas, apontando para a arte como algo que fornece bem mais do que sobrevivência básica. Portanto, trazendo a perspectiva de “sobrevivência criativa”, à medida que encontramos dinâmicas estruturadas pelo mundo pós-colonial, que está fortemente ligada à violência, é preciso mobilizar a arte de maneira que quebre com as relações de hierarquia de gênero, raça e classe e que seja capaz de falar com, contra e ao lado do poder. Assim, a arte é colocada como mecanismo de ressignificação e de luta por reparação e por direitos.

Sua reflexão inicial trata da articulação entre arte e sobrevivência, partindo do questionamento “o que a arte faz quando se trata sobre sobrevivência?”. Para Shilliam, a arte faz mais do que apenas prometer sobrevivência básica. Tecendo um diálogo com o livro *The groundings with my brothers* de Walter Rodney (1969), que trata de sua experiência em Kingston, na Jamaica, no final dos anos 1960, com membros do movimento rastafári vindos de lugares pobres, Robbie destaca um trecho do livro no qual o escritor se mostra intrigado com a forma como seus irmãos - homens e mulheres - negros têm sobrevivido à violência colonial e pós-colonial. Tal sobrevivência, referida como um “milagre”, seria indissociável da sobrevivência criativa.

Shilliam então costura um diálogo com a necessidade de criar uma arte que vá além da lógica hierárquica presente no mundo pós-colonial, a qual atravessa categorias de raça, gênero e classe, e que não reproduza a lógica de poder existente. Desta forma, o professor conversa com o trabalho de Suzanne Césaire que pensava o surrealismo como via de possibilidade de romper as hierarquias que colocam sujeitos racializados e sujeitos coloniais como uma simples má cópia dos “verdadeiros sujeitos”, adereçando os lugares da escravidão.

Finalmente, Robbie aponta para a necessidade de mobilizar a arte de maneira eficaz nas disputas contra o Estado. Nesse sentido, traz como



Galpão Bela Maré
[clique aqui](#)

Exposições
virtuais
[clique aqui](#)

Observatório
de Favelas
[clique aqui](#)

DELAS: direitos,
política e arte
[clique aqui](#)

Revista em
Quadrinhos
Memória
[clique aqui](#)

exemplo um trabalho que vem sendo desenvolvido por linguistas na Universidade de Porto Rico em torno da articulação da gramática de línguas marginalizadas como mecanismo de possibilidade de reapropriação e ressignificação de identidades e em defesa da vida e de direitos.

MESA 3

**SOBRE IMAGINÁRIOS E
PROJETOS COLETIVOS EM DEFESA DA VIDA:
COMO RECONSTRUIR OS TERMOS DA DISPUTA?**

02.06 | 11H - 13H | ONLINE

✻

COORDENAÇÃO: ANDRÉA GILL (IRI/PUC-RIO)
GLEYCE KELLY HEITOR (OFICINA BRENNAND)
JEAN CARLOS AZUOS (GALPÃO BELA MARÉ, LETRAS/PUC-RIO)
NATALIA VIANA (OBSERVATÓRIO DE FAVELAS, UERJ)
ROBBIE SHILLIAM (JOHNS HOPKINS UNIVERSITY)

[CLIQUE AQUI PARA ASSISTIR](#)

DIÁLOGO V

MODOS DE DANÇAR: A CONSTRUÇÃO DO ESPETÁCULO NA MANHA E A POTENCIALIDADE DA ARTE PERIFÉRICA

COORDENAÇÃO	Marta Fernández Andréa Gill Instituto de Relações Internacionais/PUC-Rio
CONTRIBUIÇÕES	Andreza Jorge Mulheres ao Vento Virginia Tech UFRJ Ayesca Mayara Souza Cia Passinho Carioca Simonne Alves Mulheres ao Vento Museu Nacional/UFRJ
RELATORIA	Beatriz Martins Letícia Fernandes Programa de Graduação IRI/PUC-Rio

Mulheres
ao Vento
[clique aqui](#)

Passinho Carioca
[clique aqui](#)

Global Grace
[clique aqui](#)

Museu
[clique aqui](#)

Curso Online
[clique aqui](#)

A proposta deste encontro é a criação de espaços de fazer e saber artístico voltados para a produção de metodologias transformadoras da violência. A professora e pesquisadora do IRI/PUC-Rio, **Andréa Gill**, situa a proposta do encontro conjuntamente com as companhias de dança Mulheres ao Vento do conjunto de favelas da Maré, RJ e Cia Passinho Carioca com base na Penha, RJ. O encontro híbrido permitiu botar em prática formas de produzir diálogos e ações coletivas, a partir da exibição do espetáculo e vídeo-performance *Na Manha*, produzido no contexto de uma residência artística que reuniu essas duas companhias no âmbito do projeto GlobalGRACE, voltado para a produção de culturas de equidade, protagonizado pelo Sul Global.

Esse último encontro sintetiza uma série de conversas que vinham se desenrolando ao longo da semana sobre abordagens e projetos diversos que mobilizam meios e linguagens artísticas e culturais para disputar os termos de debate público e acadêmico, bem como outras dimensões da política local, regional e global. Muitos desses movimentos coletivos compartilhados nas mesas da semana se centraram na disputa por legitimidade, por nossos imaginários e sistemas de referência, muito antes de pautar problemas da política estatal, da lei e do direito. A proposta desta mesa é avançar nessas discussões sobre o papel político da arte na disputa por imaginários e projetos coletivos comprometidos com o respeito à vida e abordagens transformadoras de violência e desigualdade.

SOBRE TEORIA E PRÁTICA COMO DISPOSITIVOS DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Andreza Jorge situa sua contribuição com o objetivo de falar do encontro entre teoria e prática, especificamente, a dança, como um dispositivo de transformação social. Ela investiga a relação entre a formação e produção artística e questões de autonomia e agenciamento coletivo. Juntamente com Simonne Alves, Andreza construiu, em 2016, um projeto de dança na favela da Maré voltado exclusivamente para mulheres, chamado Mulheres ao Vento, que tem como pauta pensar as danças afro-brasileiras como principais catalisadoras das suas ações, e traz o conceito de *escrevivência corporal* a partir dessa atuação. Assim ela lança uma série de indagações:

O que seria uma arte periférica/favelada? Por que precisamos deste recorte dentro da arte? Que arte não precisa ser chamada de periférica? As canônicas, que vêm da Europa?

Andreza lança luz sobre a disputa global em torno do que consideramos conhecimento e arte. Trata-se de uma disputa entre um Norte e um Sul, não necessariamente definidos em termos geográficos, mas que dizem respeito a relações de poder desiguais que são históricas, estruturais e sistemáticas. Pensar apenas na divisão Norte e Sul não dá conta de explicar outras relações de poder, por exemplo, como aquelas entre Nordeste e Sul no contexto brasileiro ou entre asfalto e favela/periferia na cidade do Rio de Janeiro, bem como dos marcadores raciais que dividem a humanidade. Deste modo, a educadora, artista e pesquisadora apresenta uma crítica à suposta universalidade dos conhecimentos advindos do Norte Global e tenta fissurar tal ideia, tendo em vista que é justamente a suposição de tal universalidade que faz com que a arte que não é produzida no Norte Global seja vista como residual, periférica, colocada na categoria do “Outro”.

Para falar de arte “periférica”, Andreza recorre ao espetáculo *Na Manha*, que conta com a direção cênica das “Mulheres ao Vento” em parceria com a Cia Passinho Carioca. Ambientado dentro de uma favela, na Lona Cultural-Arena Dicro, o espetáculo se vale das principais premissas do funk (o passinho, o ritmo, música e movimentos específicos) performadas por pessoas bailarinas que vêm das favelas cariocas, em sua maioria racializadas como negras.

Andreza chama a atenção para o fato de que quando se visa destituir a universalidade da arte dita canônica não está se buscando impor uma outra universalidade ou hegemonia no lugar desta, mas sim reivindicar a pluralidade da dança, do fazer artístico a partir de referenciais plurais. O que precisamos, segundo ela, é sim conferir visibilidade, espaço e financiamento para o que já tem valor próprio apesar de continuar sendo marginalizado.

O espetáculo e vídeo-performance está disponível com acesso aberto e com legendas em português, inglês e interpretação de libras.

Para acessar
[clique aqui](#)



Conferência de
Encerramento no
canal do IRI PUC-Rio.

SOBRE TREINAR UM CORPO QUE PENSA

Ayesca Mayara Souza começa sua fala indicando que vai tratar da Companhia do Passinho Carioca, integrada no Rio de Janeiro por pessoas moradoras de favelas e periferias. Assim, ela abre a disputa por reconhecimento das culturas do funk como arte e saber.

O passinho é considerado patrimônio imaterial da cidade, mas o funk, a música que eles usam para dançar, é demonizado. O funk está em todos os lugares: boates da Zona Sul, Europa, América, mas não é designado patrimônio. Neste contexto, a dançarina e educadora social levanta uma inquietação: o funk só é visto negativamente quando praticado dentro das favelas, onde é proibido. Ela argumenta que o baile funk nada mais é do que um evento produzido por diversos produtores e empreendedores e que conta com a presença de Djs, MCs, pessoas dançarinas e participantes da comunidade. Porém, ele ainda é visto de forma negativa quando acontece nas favelas.

Ayesca elenca que, assim como Andreza e Simonne, também cresceu em meio a ONGs nas periferias da cidade. Sobre o espetáculo *Na Manha*, ela coloca que o projeto trouxe perspectivas diferentes de ensino, tendo se iniciado com um curso voltado para discutir gênero, masculinidades e violência, atravessando questões como racismo e vivências de mulheres negras e homens negros nas periferias.

O projeto veio com a proposta de dançar funk pensando em seu próprio corpo como mulher negra e desmistificando os estereótipos. Além disso, também permitiu pensar “fora da caixa”. Ayesca compartilha as metodologias das oficinas, disponíveis na cartilha *Masculinidades, Arte e Potências Periféricas*, voltadas para treinar “um corpo que pensa”. Ela finaliza sua exposição dizendo que quando pensamos em modos de dançar, também pensamos em modos de viver.

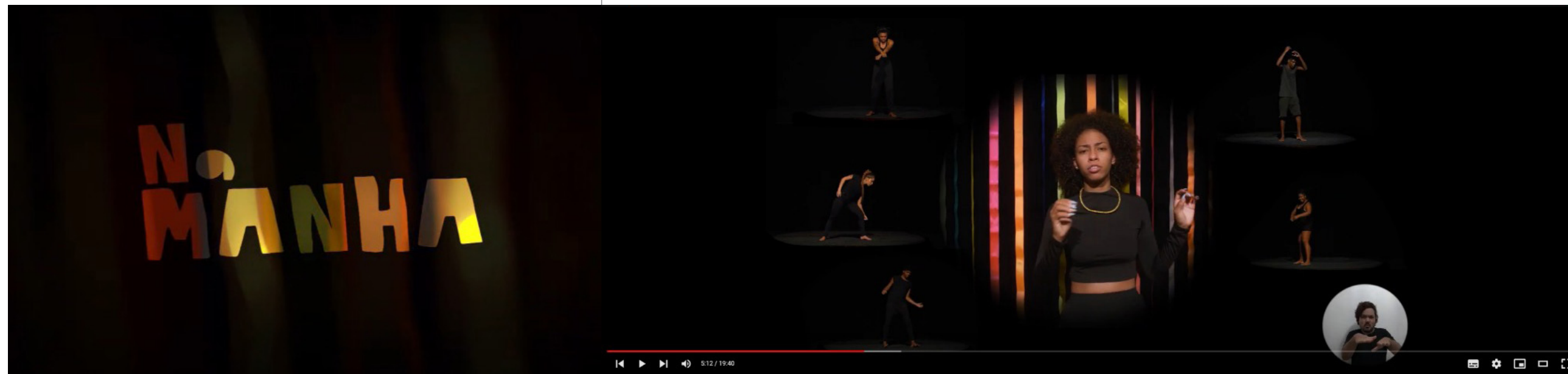
[Clique aqui](#) para acessar a cartilha

SOBRE MARGENS E CENTROS

Simonne Alves inicia uma reflexão em primeira pessoa, abrindo trajetórias como a dela que se fazem nas culturas das periferias e buscando colocar em diálogo os saberes legítimos conquistados nas experiências vividas, por um lado, e a academia e o mundo hegemônico das artes, por outro. No entanto, dentro da universidade de dança, Simonne conta que teve seu primeiro baque quando percebeu que o que ela fazia não era considerado dança naquele espaço acadêmico. Tanto ela quanto sua parceira, Andreza Jorge, a quem conheceu na universidade, se viram sendo colocadas num espaço de “margem” na universidade de dança, não encontrando espelhos ou referências para seus corpos. Começaram a se indagar:

Será que é possível ser alguém na vida a partir desse caminho que não dá lugar para nossos corpos? Então, qual seria o espaço para construir outras possibilidades de atuação?

Foi a partir do contato com projetos de extensão que encontraram na linguagem das danças e culturas afro-brasileiras a possibilidade de existirem e de verem espelhadas suas trajetórias de vida. Em 2016, criaram o projeto Mulheres ao Vento e conseguiram fomento para mantê-lo: muitas mulheres de todas as idades procuraram o projeto, que se constitui enquanto um espaço de compartilhamento, como um corpo plural, coletivo, construído e reconfigurado a partir das experiências vividas e que pensa o território como parte fundamental da formação das subjetividades.



CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO
MODOS DE DANÇAR:
A CONSTRUÇÃO DO ESPETÁCULO
NA MANHA E A
POTENCIALIDADE DA ARTE PERIFÉRICA

03.06 | 11H - 13H | PRESENCIAL



COORDENAÇÃO: **MARTA FERNÁNDEZ** (IRI/PUC-RIO)
ANDREZA JORGE (MULHERES AO VENTO, VIRGINIA TECH, UFRJ)
AYESCA MAYARA SOUZA (CIA PASSINHO CARIOCA)
SIMONNE ALVES (MULHERES AO VENTO, MUSEU NACIONAL/UFRJ)
CIA PASSINHO CARIOCA (EXIBIÇÃO DO NA MANHA)

OFICINA DE PESQUISA

Nos dias 31 de maio e 02 de junho de 2022 das 15h às 17h, realizamos uma Oficina de pesquisa voltada principalmente para pessoas pesquisadoras de pós-graduação em Relações Internacionais da PU-C-Rio cujas pesquisas são atravessadas, de diferentes formas, pela dimensão política de práticas artístico-culturais.

A Oficina dialogou com as discussões das mesas e conferências conduzidas no âmbito do Seminário, realizado na mesma semana. Transversal às mesas redondas e às atividades da Oficina é um interesse na potência da arte, cultura e comunicação, bem como em metodologias racializadas, generificadas, territoriais e interseccionais.

A Oficina foi organizada em duas sessões que conversavam com os diálogos propostos pelas mesas do Seminário. A cada sessão, as pessoas pesquisadoras apresentavam seus trabalhos e os debatiam com pessoas comentadoras, as quais são parte da rede responsável pela organização deste Seminário.

CLIQUE AQUI PARA ASSISTIR

SESSÃO I

Sobre violência e abordagens transformadoras a partir do Sul Global: como pensar as respostas im/possíveis?

Esta sessão se propôs a abrir um diálogo sobre violência e abordagens transformadoras a partir do Sul Global, questionando os fundamentos do que entendemos como violência e as respostas possíveis trabalhadas no contexto de sua pesquisa e atuação no campo.

Nesta sessão, foram apresentados os seguintes trabalhos:

Gabriel Fernandes Caetano - “Fotoativismo para a paz: por um outro rosto do Sul Global” (Comentadora: Erica Resende)

Historicamente, a fotografia de guerra estrutura os modos de ver e sentir os dilemas da política internacional. Desde que a máquina fotográfica adentrou o campo de batalha durante a Guerra da Crimeia (1853 – 1865) até o atual conflito entre a Rússia e a Ucrânia, fotôjornalistas produzem poderosas e influentes narrativas visuais sobre dor, fome e miséria. Tais categorias são estruturantes, por exemplo, da imagem estereotipada de países do Sul Global, os quais serviram de cenário para a captura de imagens icônicas sobre a guerra. Nesse sentido, o artigo busca perturbar a fotografia de guerra como categoria epistemologicamente privilegiada de representar o mundo. Assim, busca-se questionar quais são as contribuições do diálogo entre fotografia e paz para a transformação da imagem estereotipada do Sul Global? Recorro, teoricamente, à virada estética e à virada visual para refletir sobre a experiência que tive ao partir como extensionista do Projeto Universidade em Ação (PUA), que utiliza a arte como ferramenta de construção da paz e diminuição da violência. Baseado no arquivo visual do projeto, defendo o surgimento de um fotoativismo para a paz agenciado por sujeitos subalternos do Sul Global. Ao capturar a experiência de construção da paz, o PUA coloca em prática um exercício de contravisualidade e revela um outro rosto do Sul Global. No lugar das fotografias de guerra, fome e miséria estruturantes e estruturadas pelo projeto colonial e pela fotografia de guerra, produz-se uma reversão estética por meio da qual os sujeitos subalternos têm controle sobre sua própria representação. Emerge, desse ato, a imagem de um lugar periférico e empoderado para lidar com a violência e construir alternativas pacíficas de transformação dos conflitos locais.

Lucia Quijano - “Modos de hacer para o refugio: mapeando e reconhecendo metodologias artístico-culturais para atenção de refugiados, desde a perspectiva da construção de paz (peacebuilding)” (Comentadora: Flávia Guerra Cavalcanti)

A partir de minha própria experiência em programas artísticos e culturais para o cuidado de pessoas deslocadas - refugiadas na Colômbia, buscarei realizar uma análise comparativa de casos internacionais, que permita entender os aportes das práticas artísticas e culturais na reconstrução de relações, encontros e novas singularidades cotidianas que surgem em processos de construção de paz.

Vitória de Faria Ribeiro - “A raiva de não ser e a arte de insurgir” (Comentador: Paulo Chamon)

A violência em suas mais diversas nuances representa em certa medida uma preocupação recorrente em diversos estudos, mas principalmente na área das Relações Internacionais desde sua fundação como campo. Ao compreender, contudo, que o tema da violência perpassa o cotidiano não somente em âmbito internacional, mas também local e regional, diversas questões são levantadas no que concerne à sua presença e manutenção em certos espaços e para com determinados sujeitos. Entretanto, ao passo que há um foco nos atos considerados violentos, pouco é discutido sobre as raízes da violência e seu impacto em países que um dia foram colonizados. Desse modo, a presente pesquisa pretende analisar mais profundamente a concepção da violência e o sentimento mais direto relacionado a ela, a raiva, no cenário latino-americano e, mais especificamente, brasileiro. Para tal, não pretendo me debruçar somente sob o processo de revisitar o período colonial para explorar um pouco mais sobre as práticas de violência que perpetuam até hoje, mas viso também em um segundo bloco questionar até que ponto a violência é inteiramente negativa, quais são suas nuances, e a potência da raiva como transgressora de uma ordem para indivíduos sistematicamente oprimidos. Para tal, pretendo mobilizar as práticas artísticas de resistência dos Bate-Bolas na cidade do Rio de Janeiro, uma vez que esses sujeitos ocupam um espaço entre a marginalização e a transgressão, representando a potência transformadora da arte frente à violência estatal e nos apontam possíveis caminhos frente a atos violentos.



SESSÃO II

Sobre imaginários e projetos coletivos em defesa da vida: como re-construir os termos da disputa?

Esta sessão se propôs a abrir um diálogo sobre o papel político da arte na disputa por imaginários e projetos coletivos comprometidos com o respeito à vida e abordagens transformadoras de violência e desigualdade, incluindo questões e práticas de memória, verdade, justiça e reparação.

Nesta sessão, foram apresentados os seguintes trabalhos:

Giorgio Garcia Cristofani - “Rotas do Atlântico Negro no Rio de Janeiro: memória e aquilombamento nos museus da Pequena África” (Comentadora: Andréa Gill)

A partir das recentes contribuições críticas afrodiaspóricas, afroperspectivistas e estudos de/pós-coloniais, esta pesquisa tem como horizonte analisar algumas relações entre poder e resistência, memória e ancestralidade na Diáspora afro-atlântica, tendo como locus de enunciação as principais exposições recentes do Museu de Arte do Rio e o Museu da História e Cultura Afro-brasileira (MUHCAB), enquanto lugares de aquilombamento e resistência artístico-cultural, situados na “Pequena África” carioca. Ao disputar a corpo-geopolítica do conhecimento e as dimensões de poder a partir das colonialidades do saber, do ser e do poder, abre-se um campo de saberes e subjetividades que possibilitam debater os âmbitos da política e disputar os lugares de memória, ancestralidade e recuperação histórica, possibilitadas pelos espaços coletivos de sociabilidade e reexistência frente às negações coloniais, sobretudo a partir das culturas políticas afrocentradas. Ao interpretar o colonialismo e o tráfico atlântico de escravizados como elementos centrais da constituição da política internacional, assim como refletir sobre a Diáspora afro-atlântica, busca-se compreender a contribuição dos projetos artístico- culturais que reinterpretam e valorizam o espaço do Atlântico Negro como possibilidade lugar de memória e criação no contexto afro-brasileiro. Nesse sentido, busca-se refletir as exposições *Do Valongo à Favela* (2015) e *O Rio do Samba: resistência e reinvenção* (2018), organizadas no Museu de Arte do Rio (MAR), assim como a exposição permanente do Museu da História e Cultura Afro-brasileira (MUHCAB). Por fim, observa-se a necessidade de propor uma reimaginação e um recentramento das Relações Internacionais por meio dessas provocações e propostas afrodiaspóricas em disputa na região conhecida como Pequena África na cidade do Rio de Janeiro.



lasmini Catanio dos Santos Nardi - “Quem são as mulheres em ‘A batalha de Argel’?” (Comentadora: Raquel Melo)

Esta pesquisa desenvolve um trabalho de reflexão e aprofundamento de três mulheres revolucionárias (Zohra Drif, Djamila Bouhired e Hassiba Bem Bouali). Tais sujeitos são representados no filme “A batalha de Argel” (1966, de Gillo Pontecorvo) na figura das mulheres escolhidas pela Frente de Libertação Nacional Argelina (FLN) para atuarem como “mulheres bomba” na luta de resistência anti-colonial. Minhas perguntas de pesquisa são: com qual audiência o filme de Gillo Pontecorvo conversa? De que modo sua representação sobre “a resistência feminina” de Zohra Drif, Djamila Bouhired e Hassiba Bem Bouali pode ser problematizada e/ou expandida ao seguirmos agência e resistência através do “paradoxo de subjetivação” desenvolvido por Saba Mahamood? Meu intuito, então, é me aproximar das narrativas dessas mulheres por meio de suas autobiografias e das abordagens feministas árabes e /ou muçulmanas, a fim de expandir esse olhar sobre agência e resistência, retratado em “A batalha de Argel”, em direção a uma análise com nuances sobre as disputas subjetivas com que se deparavam Zohra Drif, Djamila Bouhired e Hassiba Bem Bouali, durante a segunda metade do século XX.

Flávia Belmont de Oliveira - “Imaginários metropolitanos: migrações de LGBTs para a grande cidade e as narrativas da vida moderna” (Comentadoras: Paula Drumond e Flávia Guerra Cavalcanti)

Pretendo investigar a corporificação do espaço a partir de narrativas de migração de pessoas não-cis/heterossexuais de vários lugares do Brasil para o Rio de Janeiro, uma das maiores metrópoles brasileira e concorrido destino de turismo LGBTI internacional. Dedico-me a esmiuçar como esses deslocamentos para a metrópole informam algumas subjetividades, partindo da premissa de que existe uma normatividade migratória marcada por desejos de vivências de gênero e sexualidades, indicativa de que a urbanidade e formas de subjetividade moderna são co-constitutivas. A metodologia consiste em um trabalho de campo guiado por métodos de pesquisa-ação a serem desenvolvidos na ONG Grupo Arco-Íris de Cidadania LGBT, no Rio de Janeiro. Os métodos tomarão forma em 4 oficinas de dinâmicas de grupo. A partir de tais oficinas, pretendo incitar a criação e o registro de narrativas orais e imagéticas sobre os processos de deslocamentos e migrações das pessoas ao longo de suas vidas, até chegarem ao Rio de Janeiro. Os registros serão feitos com narrativas orais, confecções

de colagens manuais, fotografias da cidade tiradas pelas participantes, e desenhos e pinturas inspiradas nas trajetórias de deslocamento, sonhos e expectativas sociais. As pessoas, selecionadas junto à ONG, tendo ou não sido atendidas por esta, terão migrado para o Rio de Janeiro, desde diferentes lugares do país, na expectativa de vivências possíveis de suas identificações de gênero e sexualidade, e se encontram em situação de vulnerabilidade econômica. Na literatura queer das Relações Internacionais, alguns autores atentam para a armadilha conceitual da “homofobia cultural”, que concentra o problema da homofobia em questões familiares e inerentes a “sociedades tradicionais”. Nesta pesquisa, pretendo entender como essa armadilha opera na fixação de dinâmicas centro-periferia que informam as expectativas sobre as vivências da urbanidade através dessas oficinas, que funcionarão como arquivo oral e imagético produzido pelas pessoas/ sujeitas da pesquisa.

MAPEANDO PRÁTICAS TRANSFOR- MADORAS

CONCLUSÕES E PRÓXIMOS PASSOS

Os relatos e encontros registrados neste catálogo expressam um primeiro passo na direção de criação de espaços epistêmicos, políticos, artísticos e culturais voltados para a elaboração de metodologias transformadoras da violência. Foram muitos os diálogos sobre questões, dilemas e proposições diversas. Os próximos passos dependem de todes nós e uma contínua articulação de redes e arquivos coletivos. Que esta nuvem-síntese gerada a partir destes Diálogos possa abrir os nossos horizontes...

HISTÓRIA

COLETIVIDADE

POLÍTICA

TEATRO

ARTE

SUBJETIVIDADES

GERAÇÃO CORPO
PESQUISA LUTA

CIDADE

MEMÓRIAS

DIÁLOGO

CARTOGRAFIAS

RECONSTRUÇÃO

LIBERDADE

PERIFERIA

DIGNIDADE

CONCEITOS

COMUNIDADE

VIOLÊNCIA

DIREITO

DIÁSPORAS

TERRITÓRIO

CONHECIMENTO

PRÁTICA

RESISTÊNCIA

MOVIMENTOS SOCIAIS

PERFORMANCE

RESSIGNIFICAÇÃO

NUVEM DE PALAVRAS

SOBRE NÓS



**Instituto
de Relações
Internacionais**



O INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA PUC-RIO

Este projeto é coordenado e realizado no Instituto de Relações Internacionais (IRI) da PUC-Rio, que tem como missão promover a formação acadêmica de excelência, orientada para a geração de conhecimento relevante sobre as transformações no sistema internacional e suas repercussões nos planos local, nacional, regional e global. Inaugurado no Rio de Janeiro em 1979 como núcleo de reflexão sobre as Relações Internacionais (RI), o IRI/PUC-Rio foi um dos pioneiros no surgimento do campo no Brasil. O Instituto é hoje considerado internacionalmente como uma referência em ensino e pesquisa na área, e mantém uma rede diversificada de parcerias com importantes instituições universitárias no exterior. O IRI edita a Revista Contexto Internacional, que é uma das publicações de ponta na área de Relações Internacionais no Brasil.

Uma iniciativa que revela os esforços crescentes do IRI para a superação da distância entre a produção de conhecimento e a formulação de políticas públicas foi a criação do BRICS Policy Center (BPC) em 2010. Administrado pelo Instituto de Relações Internacionais (IRI) da PUC-Rio em parceria com a Prefeitura da Cidade, o BPC se dedica aos estudos sobre os países que compõem o agrupamento BRICS (Brasil, Índia, China e África do Sul) e demais potências médias. A mediação internacional de conflitos, a cooperação internacional para o desenvolvimento, o estudo sobre cidades e as questões socioambientais são alguns dos eixos temáticos desenvolvidos no Centro

O BPC promove a cooperação, bem como a troca de informações entre instituições de pesquisa dos países BRICS. O Centro divulga suas

pesquisas através de artigos acadêmicos, policy briefs, monitors, livros e indicadores, todos disponíveis em seu website. O BPC tem continuamente se destacado entre os melhores Think Tanks do mundo, segundo o relatório anual elaborado pela Universidade da Pensilvânia nos Estados Unidos. O GSUM, que está ao centro da organização destes diálogos, é precisamente o resultado da parceria entre o IRI e o BPC.



A UNIDADE DO SUL GLOBAL PARA MEDIAÇÃO (GSUM)

O GSUM é um projeto do Instituto de Relações Internacionais (IRI) da PUC-Rio por meio do BRICS Policy Center (BPC), uma plataforma de conhecimento, pesquisa e treinamento, dedicada à produção, debate e difusão de conhecimento e expertise sobre o amplo espectro de atividades e mecanismos relacionados à construção da paz e à transformação de conflitos, incluindo negociações de paz internacionais, mediação e operações de paz. Nossas pesquisas, seminários internacionais, oficinas, publicações e materiais de treinamento partilham de um enfoque sobre o Sul Global.

Fundado em 2013 com o apoio da Embaixada da Noruega no Brasil, o projeto busca disseminar uma cultura de mediação e resolução de conflitos entre um grupo de países que ainda participa de forma incipiente desses processos, através da produção e difusão de conhecimento crítico nos debates sobre paz e segurança no Sul Global. Ao longo de sua trajetória institucional, o GSUM consolidou-se como um espaço para a construção de capacidades e difusão de conhecimento sobre a resolução de conflitos internacionais, especialmente no contexto da academia e entre atores governamentais e não-gover-

namentais interessados em processos de promoção, manutenção e consolidação da paz.

Tais desenvolvimentos respondem a um diagnóstico, frequentemente reforçado por atores como a Organização das Nações Unidas (ONU), acerca da necessidade do fortalecimento de capacidades locais, nacionais e regionais relacionadas à resolução pacífica de conflitos. No âmbito nacional, um número pequeno de países e atores não-estatais, predominantemente do Norte Global, tem trabalhado para desenvolver os recursos e conhecimentos em resolução pacífica de conflitos. Contudo, a ainda pequena participação de atores do chamado “Sul Global” nos processos de resolução de conflitos é vista como um fator que pode não apenas alienar esses países das iniciativas de produção da paz como também ameaçar a legitimidade da própria agenda global de resolução de conflitos, vista, nesse caso, como excessivamente centrada no Norte e oferecendo soluções padronizadas, nem sempre coincidentes com as experiências e prioridades locais.

Esses esforços ganham contornos particulares na América do Sul, uma região que combina, por um lado, raros conflitos interestatais e, por outro, conflitos domésticos e altos índices de violência criminal e política. Mais especificamente, a América do Sul se destaca pela proliferação das formas de violência nos espaços urbanos, o que tem apresentado desafios únicos para o campo da Resolução de Conflitos no Sul Global e para a teorização e análise do *continuum* entre guerra e paz na região. Essas particularidades e desafios seguem em larga medida ausentes dos estudos sobre Resolução de Conflitos, que permanecem centrados na atuação do Estado-nação, conflitos interestatais e guerras civis. Dessa forma, é necessário construir pontes entre aqueles que analisam os conflitos armados internacionais e a construção da paz, por um lado, e as particularidades das dinâmicas conflitivas e de violência no Sul Global, por outro.

Nesse contexto, as pesquisas desenvolvidas no âmbito do GSUM têm se expandido para além das práticas de mediação, concentrando-se principalmente em torno de cinco eixos: (i) Processos de paz, mediação internacional, peacebuilding e transformação de conflitos; (ii) Gênero, paz e segurança; (iii) Operações de paz, estabilização e contra-insurgência; (iv) Violência, desarmamento e controle de armas na América Latina; e (v) Juventude, paz e segurança. Em todos esses eixos, as pesquisadoras do GSUM têm crescentemente voltado sua atenção para contextos latino-americanos, que desafiam entendimentos tradicionais acerca da organização da violência e da construção da paz.



NOSSAS PARCERIAS

A realização deste evento está associada ao projeto “Práticas de Resolução de Conflitos e Construção da Paz no Plano Local e Internacional: Perspectivas do Sul Global”, financiado através do Edital FAPERJ Nº 14/2019 (E-26/010.002177/2019). Apoio a Grupos Emergentes de Pesquisa no Estado do Rio de Janeiro – 2019. O projeto envolve uma parceria interinstitucional entre a PUC-Rio, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Escola Superior de Guerra (ESG), tendo por centro organizativo a Unidade do Sul Global para Mediação (GSUM), apresentada acima.

Tal projeto interinstitucional se insere em um movimento de constituição do campo prático e de conhecimento dos processos de resolução e transformação de conflitos a partir do Sul. Argumenta-se que, a despeito dos avanços ocorridos nas últimas décadas nos arcabouços normativos e institucionais voltados para a construção de uma paz sustentável no âmbito de conflitos armados internacionais, é necessário não apenas interrogar o lugar que a América do Sul ocupa nos processos de produção e difusão de conhecimentos e práticas sobre resolução de conflitos, mas também compreender as especificidades espaciais, temporais e políticas das dinâmicas de segurança expressas em nosso contexto regional contemporaneamente.

Nesse sentido, o projeto se volta para: (a) a consolidação de um campo de estudos e de recursos humanos especializados em teorias e processos de resolução de conflitos e produção da paz, no contexto universitário brasileiro e, inicialmente, a partir da interação entre instituições acadêmicas de excelência no Rio de Janeiro; e (b) avançar

a compreensão tanto da circulação das diferentes práticas voltadas para o ordenamento da violência organizada na América do Sul quanto das fraturas e conexões entre os processos locais e globais que compõem tais circuitos.

A realização deste evento e seus desdobramentos no campo da pesquisa, ensino e comunicação científica também foi possibilitado pelo projeto “Mapeando Metodologias Artístico-Culturais de Transformação de Conflitos em Contextos Urbanos: Perspectivas do Sul Global”, financiado através do Edital FAPERJ Nº 06/2021 – Programa de Pós-Doutorado Sênior (PDS) – 2021. O projeto foi executado por Andréa Gill e Marta Fernández, em parceria com as redes do IRI, BPC, GSUM e GlobalGRACE.

O projeto conta com o apoio da rede GlobalGRACE (Gênero e Culturas Globais de Igualdade), um programa de pesquisa financiado pelo Global Challenge Research Fund (GCRF). O projeto mobiliza intervenções artísticas, curadorias e exposições públicas para pesquisar e possibilitar abordagens de gênero que contribuam para o bem-estar internacionalmente. A rede inclui acadêmicas/os e ONGs de Bangladesh, Brasil, México, Filipinas, África do Sul e Reino Unido. No Brasil, vem sendo desenvolvido por meio da parceria entre o Instituto de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e as ONGs Instituto Maria e João Aleixo, Instituto Promundo e Observatório de Favelas. A ação no Brasil está guiada pela proposta, “Descolonizando o conhecimento e refazendo as masculinidades através da arte: culturas de igualdade nas periferias urbanas do Rio de Janeiro”.

Assim, conjuntamente com as infraestruturas e redes providenciadas pelos centros de pesquisa sediados na PUC-Rio, estes Diálogos também contam com o apoio e inserção na sociedade civil através das ONGs Observatório de Favelas do Rio de Janeiro e o UNlperiferias/Instituto Maria e João Aleixo sediadas no complexo de favelas da Maré no Rio de Janeiro, com redes extensas na sociedade civil local, regional e internacional. Como produtores de práticas, conhecimento e metodologias que centram as periferias e seus modos de saber, viver e produzir, essas organizações exercem um papel-chave na articulação e circulação desses projetos coletivos.

MAPEANDO REDES: MINIBIOS DE PARTICIPANTES

Andréa Gill é professora e pesquisadora do Instituto de Relações Internacionais (IRI) da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Atualmente é Coordenadora Adjunta da Graduação de Relações Internacionais do IRI/PUC-Rio. Pesquisadora associada da Unidade do Sul Global para Mediação (GSUM) do Centro de Estudos e Pesquisas BRICS (BRICS Policy Center/PUC-Rio), financiada pelo programa de Pós-Doutorado Sênior da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ/PDS - 2021), com o projeto “Mapeando Metodologias Artístico-Culturais de Transformação de Conflitos em Contextos Urbanos: Perspectivas do Sul Global”. Pesquisadora associada do Núcleo Interdisciplinar de Reflexão e Memória Afrodescendente (NIREMA) e do Núcleo da América Latina (NAL). Pesquisadora pós-doutora da Rede Internacional GlobalGRACE (Global Gender and Cultures of Equality) pela Goldsmiths, University of London. Membro sócio plena da Associação Brasileira de Relações Internacionais (ABRI). Doutora em Ciência Política e Pensamento Cultural, Social e Político pela University of Victoria (UVIC-Canada). Possui graduação em Pensamento Social e Político pela Western University (UWO-Canada) e University of KwaZulu-Natal (UKZN-South Africa), e mestrado e doutorado em Ciência Política pela University of Victoria (UVIC-Canada). Atua, principalmente, nas seguintes áreas: estudos pós-coloniais e decoloniais; relações de raça, classe, gênero e sexualidade; política urbana; violência e conflito; relações internacionais e globalização; economia política e desenvolvimento; educação; pensamento latino-americano e interpretações do Brasil. Email: andrea.b.gill@gmail.com.

Andreza Jorge é doutoranda em Cultural Studies pela ASPECT na Universidade Virginia Tech e em Artes da Cena pelo PPGAC da UFRJ. Mestre em Relações Étnico Raciais pelo PPRER no CEFET/RJ e licenciada em dança pela UFRJ. Co-fundadora do Projeto Mulheres Ao Vento (MAV). Foi professora do departamento de dança na UFRJ entre 2019-2021 e atualmente é pesquisadora do movimento e práticas culturais negras e femininas da diáspora africana nas Américas e Caribe.

Anna Velasco é pesquisadora e consultora feminista em segurança. Ela é fellow da ONG americana Women In International Security (WIIS), pesquisadora visitante da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e cofundadora da plataforma Internacional Feminista no México. Velasco possui mestrado em Direito Internacional pela Universidad de Granada (Espanha) e outro em Gênero, Violência e Conflito pela Universidade de Sussex (Reino Unido).

Ayesca Mayara é dançarina, integrante da Companhia Passinho Carioca, modelo, atriz, educadora social e articuladora social comunitária. Atualmente tem se dedicado à área de produção de eventos culturais.

Azadeh Sobout atuou como pesquisadora e ativista junto a um amplo espectro de organizações de política pública, pesquisa, desenvolvimento e humanitárias no Norte e no Sul Global. Ela é PhD pelo Transitional Justice Institute, na Irlanda do Norte, e foi pesquisadora de pós-doutorado na Universidade de Manchester, onde liderou um projeto de pesquisa sobre a interseção entre as artes e a construção da paz no Líbano. Sua pesquisa está centrada nos complexos encontros entre os estudos urbanos críticos, geografia radical e processos de justiça de transição, engajando as geografias do pós-guerra, geografias de (in)justiça e deslocamento e epistemologias decoloniais. Ela criou relatos visuais e etnográficos sobre a exploração de paisagens de memória de guerra e narrativas de deslocamento, promovendo uma mudança paradigmática para o estudo da reconstrução pós-guerra e justiça de transição.

Carolina Pinzón Rivera é artista plástica da Universidade Nacional da Colômbia e cenógrafa do Instituto Europeu de Design de Madrid. Em 2015 concluiu o mestrado em “Arte em Contexto” com foco em arte comunitária na Universidade de Artes de Berlim, Alemanha. Ao retornar à Colômbia, ela trabalhou com o Ministério da Cultura no projeto Comunidade-é Arte da Biblioteca e Cultura com vítimas do conflito armado no norte do país. Entre 2016 e 2020, trabalhou na secretaria de cultura de Bogotá em um projeto com vítimas do conflito que vivem em bairros da periferia. Desde 2020, faz parte da equipe de Educação e programação artística do Museu da Memória da Colômbia. Como artista plástica, já expôs em espaços e eventos culturais na Áustria, Alemanha, Espanha e Colômbia.

Deyanira Clériga Morales colabora como responsável pelo Programa Autogestão e Organização Indígena Migrante na associação civil Vozes Mesoamericanas, Acción con Pueblos Migrantes. Acompanha processos político-organizacionais com povos originários em contextos migratórios para o acesso e a construção coletiva do Direito ao Bem Viver e ao Bem Migrar. Desenvolve trabalhos de educação alternativa a partir de uma perspectiva intercultural e de gênero para incidência social e política. Possui bacharelado em Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Políticas e Sociais da UNAM e bacharelado em Antropologia Social pela ENAH, além de mestrado em Pedagogia do Assunto e Prática Educacional no CESDER. Realizou trabalhos comunitários sobre direitos humanos, finanças municipais, direito de acesso à informação, programas de auto-emprego, equidade e igualdade de gênero, participação feminina, autocuidado feminista, educação popular e alternativa, autogestão e pesquisa-ação participativa com mulheres, homens, jovens, meninas e meninos em comunidades rurais e urbanas em Sonora, Guerrero, Puebla, Oaxaca, Cidade do México, Chiapas (México), Brasil e Cuba. Leciona a disciplina Vinculação com a Comunidade no Liceu Indígena Bartolomé de Las Casas, em Guatepec, Chilón, Chiapas; É pesquisadora do Projeto Global sobre Culturas de Igualdade (Global Grace), onde por meio de processos educativos decoloniais e da arte como ferramenta política de transformação, contribui para dignificar a memória da mobilidade humana dos povos no Museu do Migrante (MuMi) com sujeitos políticos nas comunidades rurais.

Erica Simone Almeida Resende é Bacharel em Direito (UFRJ) com Complementação de Estudos em Relações Internacionais (PUC-Rio). É Mestre e Doutora em Ciência Política, com ênfase em Relações Internacionais, pela Universidade de São Paulo (USP). É Professora Adjunta da Escola Superior de Guerra (ESG), com atuação no Programa de Pós-Graduação em Segurança Internacional de Defesa (PPGSID). É especialista em política externa norte-americana, além de desenvolver pesquisa nas áreas de Estudos de Política Externa, Análise de Discursos, Sociologia Política Internacional, Estudos Críticos de Segurança, e Teorias de Relações Internacionais. É Fulbright Scholar e U.S. State Department Alumna desde 2006. É membro da International Studies Association e da European Studies Association. É “Affiliate Lecturer” da Universidade de Oklahoma, EUA, e Professora Visitante na Universidade de Passau, Alemanha. É bolsista de produtividade “Jovem Cientista do Nosso Estado” da Faperj (2015-2018 e 2019-2022) e do CNPq (Pesquisador PQ Nível 2, 2020-2023). É Editora Adjunta da Revista da ESG.

Flávia Belmont de Oliveira é Doutoranda em Relações Internacionais pela PUC-Rio e bolsista CNPQ. Graduada com láurea acadêmica em Relações Internacionais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Interessada em temas de sexualidade, gênero, e as complexidades da política identitária LGBT no capitalismo neoliberal. Durante a graduação, foi pesquisadora bolsista do projeto de extensão Violência contra Mulheres e Informação na Delegacia Especializada de Atendimento às Mulheres, vinculado ao CNPQ. Pesquisa atualmente temas como economia política, identidade, resistências e teorias queer nas e das Relações Internacionais.

Flávia Guerra Cavalcanti é professora associada do Instituto de Relações Internacionais e Defesa (IRID), da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Possui doutorado em Relações Internacionais pelo Instituto de Relações Internacionais (IRI) da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) (2012), mestrado em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2005) e graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1997). Atualmente, é professora de relações internacionais no IRID (UFRJ) e coordena os grupos de pesquisa e extensão “Vidas Públicas: o impacto de temas republicanos na integração de crianças refugiadas nas escolas públicas” e “Debates pós e decoloniais”. Suas áreas de interesse e pesquisa em relações internacionais incluem Integração Regional, Migrações e Refúgio, Segurança Internacional, Pós-colonialismo e Decolonialidade.

Gabriela Nogueira é mestranda em Relações Internacionais pela PUC-Rio, graduada em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, atua em temáticas de: relação entre gênero e conflito, violência e pacificação; agenda Mulheres, Paz e Segurança; e abordagens à violência sexual relacionada a conflito e abuso e exploração sexual. Tem interesse no campo de expertise; estudos críticos militares; relações civis-militares; estudos de memória. É pesquisadora assistente em Unidade do Sul Global para Mediação (GSUM) e integra o Observatório Feminista de Relações Internacionais (OFRI).

Gabriel Dattatreya é Professor Sênior no Departamento de Antropologia da Goldsmiths, co-editor da Seção Multimodal do American Anthropologist, e parte do Coletivo Digital Curatorial da Society for Cultural Anthropology. Por quase uma década, Gabriel utilizou abordagens colaborativas, multimodais e especulativas para pesquisar como o consumo, a produção e a circulação de mídia moldam os entendimentos de migração, gênero, raça e espaço urbano. Sua primeira obra monográfica, “The Globally Familiar: Digital hip hop, masculinity and urban space in Delhi” (Duke University Press, 2020), narra como os jovens da classe trabalhadora e os homens migrantes de Delhi adotam a estética de circulação global do hip hop – acessada por meio de smartphones baratos e conectividade barata à Internet que mudou radicalmente a paisagem midiática da Índia no início dos anos 2000 – para remodelar produtivamente a si mesmos e sua cidade. Recentemente, Gabriel se interessou pelas maneiras pelas quais as plataformas de mídia social corporativas se tornaram um local para uma rearticulação e ruptura de formas duradouras de colonialidade. Sua segunda monografia intitulada “Digital Unsettling”, em contrato com a NYU Press e co-escrita com Sahana Udupa, explora esses desenvolvimentos e suas consequências materiais. Gabriel publicou sobre esses temas e tópicos relacionados de interesse em Cultura, Comunicação e Crítica; Televisão e Novas Mídias; Panorâmico; Identities; Antropologia Americana, Antropologia Cultural, Revisão de Antropologia Visual e Estudos Comparativos do Sul da Ásia, África e Oriente Médio (CSSAAME). Ele exibiu seus filmes e seu trabalho multimodal em vários locais, incluindo o Tasveer International Film Festival, Ethnografilm, Mustard Seed Film Festival, Bow International Arts, Khoj International Arts, TIFA – Pune, The RAI (Royal Anthropological Institute) e o Slought Fundação (Filadélfia).

Gabriel Fernandes Caetano é Doutorando em Relações Internacionais pelo Instituto de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (IRI/PUC-RIO). É Mestre em Relações Internacionais – área de concentração Política Internacional – pelo Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba (PPGRI - UEPB - bolsista CAPES). Possui graduação em Relações Internacionais pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI-SC - bolsista PROUNI). É filiado à Associação Brasileira de Relações Internacionais (ABRI) e à Associação Brasileira de Estudos de Defesa (ABED). É membro do Grupo de Estudos de Paz e Segurança Mundial (GEPASM) e da Rede de Pesquisa em Paz, Con-

flitos e Estudos Críticos de Segurança (PCECS) ambos vinculados ao CNPq. Seu interesse de pesquisa está concentrado nas áreas de Segurança Internacional (Estudos de Segurança Visual), Estudos para a Paz e Política Internacional.

Giorgio Garcia Cristofani é Mestrando no Instituto de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (IRI/PUC-Rio). Graduado em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Pesquisador e coordenador de campo do projeto Conexão Saúde Alto Xingu, da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), com bolsa de pesquisa da Fundação para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico em Saúde (Fiotec). Membro do Grupo de Pesquisa Interpretações do Brasil e marcadores de discriminação em perspectiva global, da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Membro do Grupo de pesquisa Política Global e Povos Indígenas, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Professor voluntário de política e atualidades do Cursinho Popular Tereza de Benguela. Em 2022 realizou estágio docência na disciplina Estudos Pós-coloniais (IRI-PUC-Rio). Seus trabalhos centram-se principalmente nas abordagens críticas da geopolítica do conhecimento; estudos pós/decoloniais; subjetividades marginais e povos indígenas na política global.

Gleyce Kelly Heitor é educadora e pesquisadora. Licenciada em História (UFPE), mestra em Museologia e Patrimônio (Unirio-Mast) e doutora em História Social da Cultura (PUC Rio). Atualmente é diretora de Educação e Pesquisa na Oficina Brennand. Pesquisa as relações entre arte contemporânea e educação; as interfaces entre a museologia e o pensamento social brasileiro; o direito à memória e as relações entre os museus e os movimentos sociais.

Haydée Caruso é Professora do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília. É pesquisadora do projeto X-Men (Masculinidades, Empatia e Não Violência) coordenado por Tatiana Moura no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. É Doutora (2009) e Mestre (2004) em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense. É autora do livro: “Entre ruas, becos e esquinas: a construção da ordem na Lapa Carioca”. Atua nas áreas de Sociologia da

Violência, antropologia Urbana e antropologia do Direito, com ênfase nos seguintes temas: segurança pública, administração de conflitos, violência em ambiente escolar, cultura policial e juventudes. Em 2015 fundou o Laboratório de Ensino de Sociologia Lélia Gonzalez na Universidade de Brasília. É pesquisadora do Núcleo de Estudos sobre Violência e Segurança - NEVIS da UnB e pesquisadora associada do Instituto de Estudos Comparados em Administração de Conflitos (INCT-INEAC) da Universidade Federal Fluminense. Em 2014 recebeu o reconhecimento do UNLIREC- Centro Regional de las Naciones Unidas para la Paz, el Desarme y el Desarrollo en América Latina y el Caribe por sua contribuição como agente de mudança nos temas de segurança pública e desarmamento no Brasil.

Iasmini Catanio dos Santos Nardi é Mestranda no Instituto de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (IRI/PUC-Rio). Bacharela em Relações Internacionais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Teve a oportunidade de trabalhar com diferentes linhas de pesquisas oferecidas pela Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS. Atualmente, entre seus principais esforços se encontram pesquisas ligadas a Gênero, Pós colonialismo e Feminismos.

Jean Carlos Azuos é curador do Galpão Bela Maré, mestre em Artes pelo PPGARTES/Uerj e doutorando em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela Pontifícia Universidade Católica PUC - Rio de Janeiro. Pesquisa e desenvolve articulações no campo artístico-cultural que debatem questões anticoloniais, de gênero e outras dissidências.

Kency Cornejo é Professora Associada de História da Arte na Universidade do Novo México, onde leciona Histórias da Arte Contemporânea Latino-Americana e Latinx. Ela recebeu seu Doutorado em História da Arte e Estudos Visuais pela Duke University, seu mestrado pela Universidade do Texas em Austin e seu bacharelado pela Universidade da Califórnia em Los Angeles. Ela também é uma orgulhosa estudante universitária de primeira geração e fez transferência de faculdade comunitária. Nascida de pais imigrantes salvadorenhos e criada em Compton, Califórnia, a experiência da Dra. Cornejo com o imperialismo, o racismo institucional e a migração forçada informam

seus esforços políticos e acadêmicos. Sua pesquisa e pedagogia se concentram na arte da América Central e da sua diáspora sediada nos EUA, política e ativismo visual nas Américas e metodologias descolonizadoras na arte e na história da arte. Especificamente, ela explora respostas criativas ao feminicídio, imigração, prisões, cativo, transnacionalismo, gangues e direitos indígenas na América Central, bem como o papel da arte e da visualidade na colonialidade e na decolonialidade. Seu trabalho foi publicado no *Latin American and Latinx Visual Culture Journal*, *Aztlán: A Journal of Chicano Studies*, *Oxford Research Encyclopedia of Literature* e *Fuse Magazine*, entre outros. Seu próximo livro com Duke University Press analisa mais de vinte e cinco anos de arte e decolonialidade na América Central.

Lucia Quijano é Doutoranda em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (IRI/PUC-Rio). Mestre em Gestão e práticas do Desenvolvimento Sustentável da Universidad de los Andes (Colômbia) com bolsa da John D. and Catherine T. MacArthur Foundation (I y II semestre). Bacharel em Artes Plásticas da Universidad Nacional de Colombia (UNAL). Bolsista em Innovation & Leadership in Government Program da Georgetown University. Mais de doze anos de experiência profissional no campo da gestão cultural comunitária, especialmente no setor público da Colômbia. Implementação de Políticas Públicas Socioculturais direcionadas a populações vítimas do conflito armado, vulnerável e refugiadas, desde a concepção, formulação, gestão e supervisão de programas e projetos nacionais, estaduais e locais. Aconselhamento e consultoria para a formulação de documentos técnicos para ONGs. Temas de interesse em pesquisa e trabalho: Arte e cultura, desenvolvimento, construção de paz -Peacebuilding, Refúgio, Políticas públicas.

Maíra Siman possui graduação em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2006), graduação em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (2005) e mestrado em International Studies (com ênfase em Ciência Política) no Graduate Institute of International and Development Studies, Genebra, Suíça (2008). Doutora em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Professora Adjunta no Instituto de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (IRI /PUC-Rio). Possui experiência docente na área de Resolução de Conflitos; Estudos Críticos de Segurança, Operações

de Paz, Análise de Política Externa; História das Relações Internacionais. É Bolsista Jovem Cientista do Nosso Estado da FAPERJ e Bolsista Produtividade do CNPq. Coordenadora do Espaço Política Externa (EPE/IRI-PUC-Rio); Coordenadora Acadêmica do Núcleo Estudos Democracia e Forças Armadas (NEDEFA), PUC-Rio, e Pesquisadora da “Unidade do Sul Global para Mediação” (GSUM), pertencente ao Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio. Suas áreas de interesse e pesquisa são: Estudos de Paz e Conflitos; Estudos Críticos de Segurança, Estudos Críticos Militares; Análise de Política Externa e Política Externa Brasileira. Esteve em Licença Maternidade entre julho de 2019 e janeiro de 2020.

Marcelle Decothé é mulher negra periférica, bacharel em defesa e gestão estratégica internacional (UFRJ), mestre em Políticas Públicas em Direitos Humanos (PPDH/UFRJ), doutoranda em sociologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Educadora Popular, pesquisadora de gênero, raça e violência, co-fundadora do Movimento Favelas Na Luta e da Iniciativa Pipa, atualmente é Gestora de Programas do Instituto Marielle Franco. Tem interesse pelas áreas de Direitos Humanos, Defesa e Política Internacional, Políticas Públicas, Sociologia com ênfase nos estudos sobre gênero e raça.

Marta Fernández é doutora em Relações Internacionais pelo Instituto de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2011) com bolsa sanduíche da CAPES na Universidade de St. Andrews, Escócia (2010). Possui mestrado em Relações Internacionais pelo IRI- PUC-Rio (1996). Professora Adjunta II, 40 horas, dedicação exclusiva, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Diretora do Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio (2016-2020). Foi coordenadora da Graduação em Relações Internacionais do IRI/PUC-Rio (novembro de 2012 até março de 2014). Foi coordenadora da Pós-graduação do IRI/PUC-Rio (fevereiro de 2016 até dezembro de 2016). Bolsista Jovem Cientista do Nosso Estado da FAPERJ (2017-2018). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq- Nível 2. Editora brasileira da série Global Political Sociology da Palgrave Macmillan. Conselheira Fiscal da ABRI (Associação Brasileira de Relações Internacionais). Coordenadora do Programa TEPP (Tutoria e Ensino e Pesquisa) do Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio que pesquisa sobre África(s) (2012). Tutora do Programa PET (2013-2016) Lecionou na Universidade Cândido Mendes, na Unilasalle, na Universi-

dade Estácio de Sá e na Universidade Dom Bosco. Experiência docente nas áreas de: Estudos pós-coloniais, Introdução à Política Internacional, Teoria das Relações Internacionais, Segurança Internacional, Organizações Internacionais, Formação do Sistema Internacional, História do século XX e Relações Internacionais Contemporâneas. Coordenou o curso de Relações Internacionais da Universidade Estácio de Sá-Niterói (1998-2003). Filiada à Associação Brasileira de Relações Internacionais (ABRI) e à International Studies Association (ISA). Member at-large da IPS (International Political Sociology) em 2017. Pesquisadora do Projeto Internacional GlobalGRACE (Global Gender and Cultures of Equality). Suas principais áreas de interesse e publicações se concentram em: Teoria das Relações Internacionais, Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais, Estética, Relações raciais e de gênero, Cooperação Sul-Sul, Perspectivas críticas de desenvolvimento.

Natália Viana é Pedagoga (UERJ) e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGECC/UERJ). Pesquisadora colaboradora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) e integrante do grupo de pesquisa “Elekô: histórias, culturas e experiências formativas” da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pesquisadora do Programa de Direito à Vida e Segurança Pública do Observatório de Favelas.

Nelson Maldonado-Torres é professor de Estudos Latinos e Caribenhos e Presidente do Programa de Literatura Comparada da Rutgers University, New Brunswick. Ele também é Diretor do Rutgers Advanced Institute for Critical Caribbean Studies, professor extraordinário da Universidade da África do Sul e Professor Honorário da Universidade de KwaZulu-Natal em Durban, África do Sul. Ele é um ex-presidente da Associação Filosófica do Caribe (2008-2013) e co-preside a Fondation Frantz Fanon com Mireille Fanon Mendés France. Suas publicações incluem dezenas de artigos e capítulos de livros sobre decolonialidade, e várias monografias e livros editados, incluindo, *Against War: Views from the Underside of Modernity* (Duke UP 2008), e *La descolonización y el giro des-colonial* (Universidad de la Tierra , 2011). Maldonado-Torres mantém um relacionamento contínuo com a Blackhouse Kollektive, com sede em Soweto, África do Sul, e trabalha com o Grupo de Trabalho de Curadores e Educadores para a Descolonização da campanha Strike MoMA nos EUA.

Nitasha Dhillon é escritora, artista, educadora e organizadora com um bacharelado em Matemática pelo St Stephen's College, Universidade de Delhi, e doutorado em Estudos Midiáticos pela Universidade de Buffalo, em Nova York. Ela também participou do Whitney Independent Study Program em Nova York e da School of International Center of Photography. Junto com Amin Husain, Dhillon é fundadora do MTL Collective, uma colaboração que une pesquisa, estética e ação em sua prática. A MTL Collective, por sua vez, fundou a Global Ultra Luxury Faction (G.U.L.F.), uma ala de ação direta da Gulf Labor Artist Coalition, bem como a MTL+, o coletivo facilitador do Decolonize This Place (DTP). O DTP é um movimento orientado para a ação que confunde as linhas entre arte, organização e ação em torno de seis vertentes de luta: luta indígena, libertação negra, Palestina livre, trabalho assalariado global, desgentrificação e desmantelamento do patriarcado. Desde 2016, a DTP organiza uma excursão do Dia dos Povos Indígenas/Dia Anti-Colombo do Museu Americano de História Natural em Nova York, envolvendo mais de 1.000 participantes. Dhillon é uma praticante acadêmica que trabalha em várias disciplinas. Seus trabalhos foram publicados em October, Artforum, Journal of Visual Culture, Hyperallergic, Dissent Magazine, Creative Time Reports e Brooklyn Rail, entre outros. Ela é uma autora colaboradora com Paula Chakravartty para The Gulf: High Culture/Hard Labor editado por Andrew Ross na Oregon Books.

Paula Drumond é Professora Adjunta de Relações Internacionais do IRI/PUC-Rio, PhD em Relações Internacionais / Ciência Política (IHEID; Genebra) e Coordenadora Adjunta do Global South Unit for Mediaiton (GSUM, IRI/PUC-Rio). Paula é membro da rede acadêmica da organização Women's International League for Peace and Freedom (WILPF) e pesquisadora filiada ao The Gender Centre, IHEID, Genebra. Defendeu o doutorado em Relações Internacionais no Graduate Institute of International and Development Studies em junho de 2017, aprovada com menção summa cum laude. É mestre em Relações Internacionais pelo IRI/PUC-Rio, possui graduação em Relações Internacionais (IRI/PUC-Rio) e Direito (UERJ). Atuou como professora e coordenadora adjunta do curso de Graduação em Relações Internacionais da PUC-Rio. Sua linha de pesquisa concentra-se na área de gênero, paz e segurança.

Paulo Chamon possui graduação em Bacharelado em Relações Internacionais pela Universidade de São Paulo (2009), mestrado em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2012) e doutorado em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2018). Atualmente é pesquisador de pós-doutorado no Instituto de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Pedro Paulo da Silva é bacharel e mestrando em Relações Internacionais pelo IRI PUC-Rio. Pesquisador do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania e Coordenador do pesquisa do LabJaca - Laboratório de dados da favela do Jacarezinho. Tem experiência e interesse por pesquisas sobre produção de conhecimento e racismo em segurança pública/internacional; racismo, polícia e policiamento; racismo e anti-radicalismo; e produção cidadã de dados.

Phoebe Kisubi Mbasalaki é professora de Sociologia na Universidade de Essex. Antes disso, foi pesquisadora de pós-doutorado no projeto GlobalGRACE no African Gender Institute (AGI) e no Centre for Theatre, Dance and Performance Studies (CTDPS) - University of Cape Town, bem como na ONG - Força Tarefa de Advocacia e Educação das Trabalhadoras do Sexo (Sex Workers Advocacy and Educational Task Force, SWEAT). Foi também docente do programa de estudos de gênero na AGI - Universidade da Cidade do Cabo. Seus interesses de pesquisa são em raça, gênero, classe, sexualidade, ativismo criativo, saúde pública, bem como pensamento e práxis decoloniais.

Raquel Melo é Graduada em Direito pela Universidade Federal da Paraíba (1997), mestre (2001) e doutora (2006) em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Pós Doutorado (2010) no Centro de Ciências Sociais da Universidade de Coimbra, em Portugal. Pós Doutoranda (2022) no Instituto de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professora adjunta do curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba e pesquisadora do Centro de Estudos Avançados em Políticas Públicas e Governança (CEAPPG/UEPB). Coordenadora do Resista - Grupo de Pesquisa e Extensão em Educação em Direitos Humanos no Sul Global. Participante do GT - Bra-

sil do Projeto “Ampliação do Direito Humano à Educação”. Pesquisas desenvolvidas na área de operações de paz e o papel da ONU na (re) construção de estados. Atualmente desenvolve pesquisa e extensão na área de educação em direitos humanos e perspectivas críticas de direitos humanos a partir do Sul Global. Mãe de Nina (10) e Luca (6).

Robbie Shilliam é Professor de Relações Internacionais no Departamento de Ciência Política da Universidade Johns Hopkins. Pesquisa as complicitades políticas e intelectuais do colonialismo e da raça na ordem global. Ele é co-editor da série de livros da Rowman & Littlefield, “Kilombo: Relações Internacionais e Questão Colonial”. Robbie foi cofundador do grupo de trabalho Colonial/Postcolonial/Decolonial da British International Studies Association (BISA) e é um membro ativo de longa data da seção de Desenvolvimento Global da International Studies Association (ISA). Nos últimos seis anos, Robbie co-curou com intelectuais e anciãos da comunidade uma série de exposições – na Etiópia, Jamaica e Reino Unido – que trouxeram à luz as histórias e o significado do movimento Rastafari para a política contemporânea, com base em pesquisas originais e primárias sobre a história imperial e pós-colonial britânica. Robbie também trabalha com Iniversal Development of Rastafari (IDOR) para recuperar histórias da presença Rastafari em Baltimore e Washington. Atualmente, Robbie está trabalhando em duas vertentes de pesquisa: primeiro, um projeto coletivo para repensar a disciplina de Ciência Política de modo a expor suas lógicas raciais permanentes e, alternativamente, recuperar e expandir o *ethos* antirracista de alguns de seus menos canonizados praticantes; em segundo lugar, uma consideração crítica dos “pensadores livres” da tradição radical negra - especialmente os intelectuais rastafaris - e suas contribuições para o que nós na academia chamamos de “economia política”.

Simonne Alves é doutoranda e mestre em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ. Licenciada em Dança pela UFRJ (2019). Co-fundadora do Projeto Mulheres Ao Vento (MAV) - projeto feminista negro de base comunitária com foco na produção artística e ativista de mulheres na Maré. Atua com projetos sociais voltados para saúde do corpo, dança e cultura afro-brasileira. Atualmente desenvolve pesquisas sobre antropologia urbana, antropologia da dança, gênero e subjetividade na periferia do Rio de Janeiro.

Tatiane Amaral é mestranda em Relações Internacionais pela PUC-Rio, graduada em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Uberlândia, atua em temáticas de: gênero e feminismo, Forças Armadas brasileiras, e família militar. Tem interesse em conceitos de feminilidade e masculinidade a partir de simbologias militares; estudos críticos militares; e relações civis-militares. É membro do Núcleo Democracia e Forças Armadas, da Unidade do Sul Global para Mediação e do Observatório Feminista de Relações Internacionais.

Victoria Motta é Mestranda em Relações Internacionais pelo Instituto de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (IRI/PUC-Rio). Bacharel em Relações Internacionais com Domínio Adicional em Mediação de Conflitos e Práticas Restaurativas pela mesma universidade. Assistente de Pesquisa na Unidade do Sul Global para Mediação do BRICS Policy Center (GSUM/BPC) e Diretora de Ensino e Pesquisa do projeto de extensão Debates Pós-Coloniais e Decoloniais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Suas áreas de interesse de pesquisa a partir de abordagens pós-estruturalistas, pós-coloniais e decoloniais são: Política da Tradução, Proteção de Civis, Intervenções Humanitárias, Operações de Paz da ONU, Difusão e Contestação de Normas e Sociologia Política Internacional.

Victória Santos é Pesquisadora de pós-doutorado no Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio (IRI/PUC-Rio), com bolsa CNPq Pós-Doutorado Júnior. Pesquisadora do Núcleo Democracia e Forças Armadas (NEDEFA), núcleo interdepartamental da PUC-Rio; e da Unidade do Sul Global para Mediação (GSUM), iniciativa do BRICS Policy Center junto ao IRI/PUC-Rio. Doutorado (2021) e Mestrado (2017) em Relações Internacionais pelo IRI/PUC-Rio, e Bacharelado em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília (2014), com intercâmbio acadêmico na University of the Witwatersrand, em Joanesburgo. Interesses de pesquisa incluem violência criminal, conflitos armados, segurança internacional, justiça transicional e direitos humanos, com ênfase na América Latina.

Vitória de Faria Ribeiro é Mestranda em Relações Internacionais pelo Instituto de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (IRI/PUC-Rio). Bacharela em Relações Internacionais pelo mesmo instituto. Suas principais áreas de interesse e sua linha de pesquisa se concentram em: Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais, Produções e Desqualificações de conhecimentos e Conflitos identitários. Atuou como estagiária de eventos e publicações no Núcleo de Pesquisa e Publicações do Instituto de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Como parte de suas funções na área de eventos, se encarregava da parte logística dos eventos realizados pelo instituto fornecendo suporte aos professores e convidados. Além disso, como estagiária de publicações, auxiliava nos processos de recebimento e tratamento de artigos para revisões na Revista Contexto Internacional (A1).

PARA MAIS INFORMAÇÕES

IRI

www.iri.puc-rio.br

[instagram.com/iripucRio](https://www.instagram.com/iripucRio)

[youtube.com/user/IRIPUCRJ](https://www.youtube.com/user/IRIPUCRJ)

GSUM

bricspolicycenter.org/programas/gsum

BPC Paper, v.10 n.1 - Abril/2023

Rio de Janeiro. PUC. BRICS Policy Center

GILL, Andréa et al (org)

Mapeando Diálogos Sobre Violência e Abordagens

Transformadoras A Partir do Sul Global: O Papel Político da
Arte, Cultura e Comunicação [catálogo].

ISSN: 2357-7681

P: 80p; 29,7cm

1. Violência; **2.** Transformação de conflito; **3.** Metodologias
artísticas; **4.** Interseccionalidade; **5.** Decolonialidade



PrInt



BRICS Policy Center Centro de Estudos e Pesquisas - BRICS